

ELIEZER FERNANDES GUMS

**RESILIÊNCIA E CRIATIVIDADE EM PESSOAS DE
DESTAQUE: UM ESTUDO COMPARATIVO**

PUC-CAMPINAS

2015

ELIEZER FERNANDES GUMS

**RESILIÊNCIA E CRIATIVIDADE EM PESSOAS DE
DESTAQUE: UM ESTUDO COMPARATIVO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em psicologia do Centro de Ciências da Vida – PUC-Campinas, como requisito para obtenção do título de Doutor em Psicologia como Profissão e Ciência.

Orientadora: Profa. Dra. Solange Múglia Wechsler

PUC-CAMPINAS

2015

t155.28 Gums, Eliezer Fernandes.
G974r Resiliência e criatividade em pessoas de destaque: um estudo com-
parativo / Eliezer Fernandes Gums. - Campinas: PUC-Campinas, 2015.
121p.

Orientadora: Solange Múglia Wechsler
Tese (doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de
Ciências da Vida, Pós-Graduação em Psicologia.
Inclui bibliografia.

1. Personalidade - Avaliação. 2. Criatividade. 3. Resiliência . 4.
Criatividade. 5. Auto-realização (Psicologia). I. Wechsler, Solange
Múglia. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de
Ciências da Vida. Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

22. ed. CDD – t155.28

ELIEZER FERNANDES GUMS

**RESILIÊNCIA E CRIATIVIDADE EM PESSOAS DE
DESTAQUE: UM ESTUDO COMPARATIVO**

BANCA EXAMINADORA



Presidente Profa. Dra. Solange Múglia Wechsler



Profa. Dra. Berenice Victor Carneiro



Profa. Dra. Luciana Guida Siqueira Gurgel



Profa. Dra. Ana Paula Porto Noronha



Profa. Dra. Flávia Helena Zanetti Farah

**PUC-CAMPINAS
2015**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a DEUS, que me concedeu vida, força vontade, determinação e paciência para prosseguir neste caminho escolhido, mesmo diante de intempéries e dificuldades, durante estes quatro longos anos.

Gostaria de agradecer a toda direção da PUC-Campinas e a União Central Brasileira da Igreja Adventista do Sétimo Dia pelo apoio financeiro incondicional e pelas bolsas concedidas. Sem esta ajuda, esta etapa não seria vencida. A vocês meu reconhecimento e agradecimento.

Também agradeço ao Diretor Geral do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP), Pr. Hélio Carnassale pelo apoio durante o processo do doutoramento; ao Diretor Acadêmico Ilson Tércio Caetano, pelo suporte e apoio durante as atribuições das aulas nesse período, minha gratidão sincera. Agradeço ainda à Coordenadora do Curso de Psicologia Professora Tércia, Pepe Barbalho. A você, muito obrigado pela compreensão e apoio sem limites durante essa etapa.

Aos membros da Banca de qualificação, as Professoras Doutoras Regina Lara, Tatiana Nakano, pelas contribuições ímpares. Meu muito obrigado!!

Às meninas da Secretaria de Pós Graduação da PUC-Campinas, pelas lembranças, orientações, carinho e atenção que me dispensaram durante estes quatro anos, muito obrigado!

As colegas de jornada, Célia, Cristina e Yung, muito obrigado, pelo apoio e colaborações. Vocês são fantásticas!

A todos os outros companheiros de jornada, Chegamos lá! Muito obrigado pela companhia de vocês.

Aos membros da banca de defesa as professoras Doutoras Berenice Carneiro, Luciana Gurgel, Ana Paula Noronha e Flávia Farah. Obrigado por aceitarem o convite para a defesa e pela atenção que dispensaram ao meu trabalho nas correções e dicas. Também agradeço aos professores Doutores Sônia Enumo, Vera Trevisam, Eliana Santos e Marcelo Chiodi, por se disporem a participar e contribuir da minha banca de defesa. Sem vocês ela não seria possível. Muito Obrigado!

Aos participantes da pesquisa, muito obrigado! Sem vocês nada disso também seria possível.

AGRADECIMENTOS À FAMÍLIA E AOS DEMAIS AMIGOS

Agradeço a meus pais, Maria e Djalma, sem o apoio e incentivo. Sem vocês eu não teria chegado até aqui. Obrigado!

Meus irmãos, Marcelo e Henrique Gums, pelo apoio, e auxílios. Muito Obrigado!

Aos amigos Ana Paula, Mara e Vanderlei, pela preocupação, presença, pelas indicações enquanto coletava os dados, agradeço de coração.

A todos os outros amigos que indicaram pessoas para minha pesquisa, sem vocês eu não teria conseguido. Obrigado.

À Talita, Vilma, Valdemir, Carlos e Viviam Araújo, pelas indicações e ouvidos nos momentos das análises, muito obrigado.

Ao professor Doutor Leslie Portes pela ajuda nas análises estatísticas dos dados. Obrigado!

A todos os demais amigos, que eu não nomeei neste momento, desculpem se de alguém esqueci, são tantas pessoas, que é impossível lembrar-me de todas nestas páginas.

Finalmente agradeço à minha orientadora que tornou toda essa empreitada realizável e possível. Sem seu empenho, carinho, atenção, sorrisos, indicações, guia e sugestões, este sonho não teria se realizado. Faltam-me palavras para descrever toda a admiração, respeito, carinho e amor que tenho por você, professora Doutora Solange Múglia Wechsler. Minha

orientadora, meu modelo profissional. Fiquei honrado em poder aprender com você mais esta nova etapa. Espero que um dia possa ser um professor quase tão bom quanto você. Muito, muito, muito obrigado!

DEDICATÓRIA

Dedico com todo amor e carinho
às duas mulheres que fazem a minha vida ser cada dia melhor!

Obrigado por tudo amores.

Amada esposa CENIRA GUMS e querida filha SOFIA GUMS.

RESUMO

GUMS, Eliezer Fernandes. Resiliência e Criatividade em pessoas de destaque: um estudo comparativo. 2015. 121f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas, 2015.

A Psicologia Positiva vem ganhando cada dia mais destaque no meio científico. Estudiosos afirmam que este crescimento ocorre devido ao novo olhar que essa teoria apresenta para o ser humano. Nesse novo olhar destacam-se as chamadas forças humanas, em específico a resiliência. Quando somada à criatividade pode potencializar os aspectos positivos do indivíduo. A presente pesquisa teve como objetivo investigar relações entre características da resiliência e criatividade em pessoas que se destacam em diferentes áreas. Para tanto, utilizou-se a escala dos Pilares da Resiliência (EPR), o teste de criatividade da BAICA, o teste Estilos de Pensar e Criar e o questionário de realizações criativas. A amostra foi composta por 24 pessoas (masculino=8, feminino=16) com idades ente 32 a 60 anos. Os participantes foram agrupados em pessoas com destaque (N=12) e sem destaque (N=12). O procedimento consistiu na aplicação dos instrumentos nos participantes. Os resultados das análises buscando diferenças significativas entre os grupos demonstraram que diferenças existem para o grupo destaque nos seguintes instrumentos: na EPR no item aceitação positiva para o futuro; no teste de criatividade, da BAICA na atividade 1, figural, na característica originalidade e atividades verbais 2 e 3, nas características fluência e originalidade. Nos demais instrumentos não se notaram diferenças. As relações significativas entre produção criativa dos participantes nos mesmos instrumentos foram também investigadas. Os resultados apontaram diferenças significativas apenas na EPR nos itens bom humor e orientação positiva para o futuro. Nos demais instrumentos não ocorreram diferenças significativas entre os grupos. Quanto às diferenças entre os gêneros, os resultados demonstraram diferenças significativas com predomínio do gênero masculino, nos seguintes instrumentos: no teste Estilos de Pensar e Criar, nos estilos Inconformista Transformador e Lógico Objetivo; na EPR em aceitação positiva para mudanças e orientação positiva para o futuro. Nos demais instrumentos não foram detectadas diferenças significativas entre os gêneros. Conclui-se que os objetivos foram alcançados parcialmente. Sugere-se mais estudos sobre o tema com amostras maiores.

Termos de Indexação: Psicologia Positiva. Resiliência. Criatividade. Avaliação psicológica. Estilos criativos.

ABSTRACT

GUMS, Eliezer Fernandes. Resilience and Creativity in outstanding people: a comparative study. 2015. 121f. Thesis (Ph.D. in Psychology) - Catholic University of Campinas, Center for Life Sciences, Graduation Program in Psychology, Campinas, 2015.

Positive Psychology is gaining more and more prominence in the scientific community. Scholars assert that this growth is due to the new viewpoint that this theory envisions for the human being. In this new perspective there are the so-called human strengths, resilience, particularly, that added to creativity may potentialize the positive aspects of the individual. This study aimed at investigating the relationship between resilience characteristics and creativity in people who excel in different areas. For this purpose, the scale Pillars of Resilience (EPR), the Creativity Test of BAICA, Thinking and Creating Styles test and the Questionnaire for Creative Achievements were utilized. The sample consisted of 24 people (male = 8, female = 16) with ages ranging from 32 to 60 years old. The participants were divided into two groups: regular people (N = 12) and outstanding people (N = 12). The procedure consisted in applying the aforementioned tools on the participants of each group. The results of the analysis that seek significant differences between the groups showed that differences exist for the group "outstanding" concerning the following instruments: the EPR, item Positive Acceptance for the Future; the Creativity Tests of BAICA, figural on activity 1, in the characteristic originality, and on verbal activities 2 and 3, the characteristics fluency and originality. Regarding the other instruments, no differences were noticed. Significant relationships between creative production of the participants in the same instruments were also investigated. The results demonstrated significant differences only in the EPR, on items Good Humor and Positive Direction for the Future. Concerning the other instruments, there were no significant differences between groups. As for the differences between genders, the results showed significant differences with the prevalence of males regarding the following instruments: the test Thinking and Creating Styles, styles Nonconformist/Transformer and Logical/Objective; EPR in the positive acceptance for change and positive direction for the future. The remaining instruments demonstrated no significant differences between genders. It is therefore possible to conclude that the objectives were partially met. We suggest further studies on the subject with larger samples.

Index Terms: Positive Psychology. Resilience. Creativity. Psychological assessment. Creative Styles.

RESUMEN

GUMS, Eliezer Fernandes. Resiliencia y Creatividad en personas destacadas: un estudio comparativo. 2015. 121f. Tesis (Doctorado en Psicología) - Universidad Católica de Campinas, Centro de Ciencias de la Vida, Programa de Posgrado en Psicología, Campinas, 2015.

La Psicología Positiva está ganando cada vez más importancia en la comunidad científica. Los estudiosos sostienen que este crecimiento se debe a la nueva forma de ver que esta teoría presenta para el ser humano. En este nuevo aspecto se destacan las llamadas fuerzas humanas, en específico la resiliencia. Cuando sumada a la creatividad puede fortalecer los aspectos positivos del individuo. Esta pesquisa tuvo como objetivo investigar la relación entre las características de resiliencia y la creatividad en personas que se destacan en diferentes áreas. Para esto, se utilizó la Escala de Pilares de Resiliencia (EPR), el Test de Creatividad de BAICA, el Test Estilos de Pensar y Criar y el cuestionario de realizaciones creativas. La muestra está formada por 24 personas (masculino = 8, femenino = 16) con edades entre 32 a 60 años. Los participantes fueron agrupados como personas destacadas (N = 12) y no destacadas (N = 12). El procedimiento consistió en la aplicación de los instrumentos en los participantes. Los resultados de los análisis en busca de diferencias significativas entre los grupos mostraron que existen diferencias en el grupo destacado en los siguientes instrumentos: La EPR, en el punto de aceptación positiva para el futuro; en el test de creatividad, de BAICA en la actividad 1, figurativa, en la característica originalidad y actividades verbales 2 y 3, en las características fluidez y originalidad. En los otros instrumentos, no se percibieron diferencias. También se investigaron las relaciones significativas entre la producción creativa de los participantes en los mismos instrumentos. Los resultados mostraron diferencias significativas sólo en el EPR en los puntos del buen humor y la dirección positiva para el futuro. En los otros instrumentos no hubo diferencias significativas entre los grupos. En cuanto a las diferencias entre los géneros, los resultados mostraron diferencias significativas en la prevalencia de los varones en los siguientes instrumentos: En el test de Estilos de Pensar y Crear, en los estilos Transformador Inconformista y Objetivo Lógico; en EPR en la aceptación positiva para el cambio y orientación positiva para el futuro. En los demás instrumentos no se encontraron diferencias significativas entre los géneros. De ello se concluye que los objetivos fueron parcialmente alcanzados. Sugerimos realizar más estudios sobre el tema con muestras mayores.

Índice Términos: Psicología Positiva. Resiliencia. Creatividad. Evaluación psicológica. Estilos Creativos.

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	v
Agradecimentos à Família e aos Amigos.....	vii
Dedicatória.....	ix
Resumo.....	x
Abstract.....	xi
Resumen.....	xii
Lista de Tabelas.....	xvi
Apresentação.....	18
CAPITULO 1 – Psicologia Positiva Conceituação.....	23
1.1 - Breve Histórico da Psicologia Positiva.....	26
1.2 - Forças Pessoais em Psicologia Positiva.....	29
1.3 - Instrumentos da Psicologia Positiva.....	34
2 - Resiliência	38
2.1 - Estado de Fluidez.....	45
3 -Criatividade – Definições.....	48
3.1 - A Pessoa Criativa.....	52
3.2 - Estilos de Pensar e Criar.....	56
Objetivos.....	62

Objetivo Geral	62
Objetivos Específicos	62
Método	64
Instrumentos	69
A) Teste de Criatividade Bateria de Avaliação de Inteligência e Criatividade para Adultos (BAICA)	69
B) Teste Estilos de Pensar e Criar	72
C) Escala dos Pilares da Resiliência (EPR)	74
D) Questionário de Realizações Criativas	76
Procedimentos	77
Resultados	79
Discussão	91
Limitações e sugestões para estudos futuros	102
Referências	104
Anexos	113
Anexo 1- Modelo do caderno de respostas do teste Estilos de Pensar e Criar	114
Anexo 2 - Modelo do Caderno de resposta do teste de Criatividade BAICA versão adulto	115

Anexo 3 - Questionário de Análise de Realizações Criativas.....	116
Anexo 4 - Termo de Consentimento para Participação em Pesquisa.....	117
Anexo 5 - Modelo de Caderno de respostas da Escala dos Pilares da Resiliência.....	118
Anexo 6 - Parecer do Comitê de Ética da PUC Campinas.....	119
Anexo 7- Banca Examinadora.....	121

Lista de tabelas

Tabela 1- Faixa etária dos participantes dos grupos destaque e não destaque.....	65
Tabela 2- Áreas de atuação profissional dos grupos destaque e não destaque.....	65
Tabela 3- Produção reconhecida dos grupos destaque e não destaque.....	66
Tabela 4- Produção total do grupo destaque e grupo não destaque.....	67
Tabela 5- Produção total do grupo destaque e grupo não destaque.....	68
Tabela 6- Diferenças dos participantes do grupo destaque e do grupo não destaque nos tipos de Produção.....	79
Tabela 7- Diferenças de médias do grupo destaque e não destaque na EPR.....	80
Tabela 8 - Diferenças de médias dos grupos na Escala Estilos de Pensar e Criar.....	81
Tabela 9 - Diferenças de médias dos grupos em Criatividade (BAICA).....	82
Tabela 10 - Correlação de Spearman entre Produção Criativa do grupo destaque e não destaque com Estilos de Pensar e Criar.....	83
Tabela 11- Correlação de Spearman entre a produção criativa dos grupos e a EPR.....	84
Tabela 12 - Correlação de Spearman entre produção criativa e características criativas por grupo.....	86
Tabela 13 - Diferenças de gêneros nos tipos de produção.....	87

Tabela 14 - Diferenças de Gêneros na Escala Estilos de Pensar e Criar.....88

Tabela 15 – Diferenças de Gênero na Escala Pilares da Resiliência.....89

Tabela 16- Diferenças de Gêneros na Criatividade total Figural, no total Verbal, e no total Geral criativo.....90

Apresentação

Muitas vezes uma pessoa dita bem sucedida parece aos olhos de um leigo, alguém que teve “sorte na vida”. Esta sorte poderia estar relacionada talvez ao fato de tal pessoa ser mais criativa que a maioria, pois possui bem desenvolvida essa capacidade. Em última análise isso facilitaria a realização de ações que colocariam esta pessoa em destaque em relação às demais. Outras vezes, parece que ela foi agraciada por ter nascido em uma família abastada que lhe deu condições econômicas, educacionais e sociais de prosperar e alcançar o reconhecimento tão desejado, e, por vezes, cobiçado por tantos. Outros alegam que essa pessoa é provida de uma capacidade cognitiva bem maior que a maioria dos indivíduos, o que também poderia facilitar sua habilidade de criar e ser reconhecido por seus feitos. Pode-se ainda destacar a motivação, o contexto social e outros elementos que, somados aos anteriores, podem auxiliar na capacidade da pessoa em desenvolver produtos que sejam dignos de destaque e reconhecimento (Alencar, Fleith & Bruno-Faria, 2010; Wechsler, 2008).

Entretanto, ao focar mais atentamente no tema percebe-se que algo, ou algum fator, parece estar presente nesses indivíduos o que desperta o interesse em querer compreender um pouco mais sobre qual (ais) seria (m) este (s) fator (ores) que faz com que essa pessoa ter destaque. Logo se pode, diante do exposto, inferir que as somatórias de todos esses elementos em conjunto seriam a resposta para o questionamento? A resposta para esta afirmação poderia tanto ser um sim quanto um não.

A resposta seria um sim considerando que a somatória dos elementos (cognitivos, genéticos, ambientais, sociais, do acaso, do potencial criativo e da resiliência) pode ter força o suficiente para que as realizações dessas pessoas com esses traços, ou estados, ou ainda habilidades, gerem produtos que sejam merecedores de destaque. Também a resposta poderia ser um sonoro não, pois, apesar da força que esses elementos em conjunto apresentam, ainda existe a possibilidade da pessoa não conseguir suportar a tensão criada durante o processo de realização da tarefa, entre outros fatores, que podem interferir nesta realização.

Pode-se então pensar, a partir do exposto, que a resistência da pessoa para suportar a pressão para realizar a tarefa deva existir. A capacidade de resistir e superar as dificuldades, voltando ao seu equilíbrio anterior de acordo com Seligman (2004) e Yunes (2003) seria considerado pela Psicologia Positiva como resiliência. Seligman (2011) destacou que a resiliência isoladamente não possuiria força suficiente para devolver ao indivíduo o equilíbrio ou a capacidade de superar suas dificuldades. Contudo, destacou ele, em conjunto com a criatividade, este estado mental pode ultrapassar os limites conhecidos pela pessoa que dela faz uso para recuperar seu equilíbrio emocional (M. E. P. Seligman, comunicação pessoal, 15 de setembro de 2011).

Esse trabalho é importante para demonstrar a relação entre resiliência e criatividade, esclarecendo um pouco mais como ocorre essa relação, e se as pessoas de destaque são ou não mais resilientes e criativas que as pessoas consideradas com não destaque nesse estudo. Pretendeu fornecer resultados que demonstrem a existência de diferenças nos estilos de pensar e criar, na resiliência e na criatividade em relação à sua produção criativa.

Resende e Arginom (2011) destacam que, por vezes, a sobrecarga de atividades pode gerar uma lenta e gradativa deterioração das capacidades psíquicas da pessoa, como exemplo pode-se citar algumas figuras ilustres como Van Gogh, Schumann, Tchaikovsky, Rachmaninoff e outros que, apesar de demonstrarem ser resilientes e muito criativos, parecem não ter conseguido associar, algumas vezes, estes dois elementos (resiliência e criatividade) a seu favor durante a realização de seu trabalho. Na afirmação dos autores, pode-se observar que além de ser promotora de saúde mental a junção entre resiliência e criatividade também pode auxiliar as pessoas no aumento do bem estar e ainda no grau de satisfação e felicidade de cada indivíduo.

Portanto o objetivo geral nesta pesquisa foi investigar relações entre características relacionadas com resiliência e criatividade em pessoas que se destacam em diferentes áreas. Os objetivos específicos foram:

- 1- Verificar se existem diferenças entre os grupos (1) destaque e grupo (2) não destaque na produção criativa não reconhecida e total, uma vez que na produção reconhecida não há dados do grupo (2) não destaque, impedindo a verificação.
- 2- Verificar se existem diferenças significativas entre os grupos (1) destaque e grupo (2) não destaque nos estilos de pensar, na resiliência e nas características criativas (BAICA).
- 3- Analisar se existem relações significativas entre produção criativa, resiliência, estilos de pensar e características criativas (BAICA).
- 4- Investigar se existem diferenças de gênero nos tipos de produção, estilos de pensar, resiliência e características criativas (BAICA).

Essa pesquisa pretende contribuir no campo científico para um detalhamento sobre a temática associada à Psicologia Positiva (a resiliência), sua origem, seu desenvolvimento, bem como alguns de seus usos. Ainda visa destacar alguns instrumentos utilizados por esta abordagem (Psicologia Positiva) a nível nacional e internacional.

O trabalho foi desenvolvido conforme a seguinte estrutura: no capítulo 1, apresentou-se alguns dos conceitos associados à Psicologia Positiva; um breve histórico sobre os aspectos positivos do ser humano e qual a sua importância para a Psicologia Positiva. Discorreu-se sobre as forças pessoais em Psicologia Positiva, de forma sucinta, enfocando-se, em especial, a resiliência. O capítulo ainda destacou de maneira resumida, alguns instrumentos desenvolvidos para a medição de algumas das chamadas forças pessoais em Psicologia Positiva. Foi apresentado conceitos sobre a criatividade; sobre a pessoa criativa e suas características, alguns estudos brasileiros sobre esta pessoa e seus principais traços, além de instrumentos que avaliem a criatividade na pessoa considerada criativa.

Na segunda parte do trabalho foi delineado o objetivo geral, os objetivos específicos. Definiram-se hipóteses. Explicitou-se o método, a amostra, os instrumentos e os procedimentos. Foi realizada a apresentação dos dados coletados no processo da pesquisa, a discussão, e as limitações e sugestões para estudos futuros. Esse trabalho foi finalizado com as referências e os anexos.

CAPITULO 1 – PSICOLOGIA POSITIVA – Conceituação

O uso do termo Psicologia Positiva foi criado por Martin Seligman e descreve a ciência que estuda os aspectos positivos da vida humana, tais como felicidade, bem estar e prosperidade (Seligman, 2004). Contudo sabe-se que a mente humana é composta não só por processos que desencadeiam felicidade, mola propulsora da Psicologia Positiva, mas também apresenta outra faceta que funciona com os medos, as angústias e os demais mecanismos que são considerados, quando exagerados, patológicos (Dalgalarrodo, 2007). Martin Seligman destaca que sua teoria da Psicologia Positiva antes era denominada de teoria da Felicidade autêntica (Seligman, 2011). O autor defende que este termo não expressava bem a sua ideia, pois a palavra felicidade estaria banalizada e poderia indicar uma visão mais de autoajuda do que uma teoria científica.

Assim, Contreras e Esguerra (2006) afirmam que a Psicologia Positiva seria uma nova abordagem, dentre as diversas teorias psicológicas que tentam compreender os aspectos positivos do ser humano, sem considerar apenas suas dificuldades ou patologias. Por sua vez Paludo e Koller (2007) destacaram que a Psicologia Positiva enfocaria antigas questões apresentando uma nova abordagem psicológica e diferenciada de compreender o ser humano.

Outros autores afirmam que os psicólogos deveriam se dedicar ao estudo do ser humano com a mesma garra e deleite com que os físicos se deliciam com as fórmulas de Einstein, ou os matemáticos se refestelam com as fórmulas de Pascal (Passareli & Silva, 2007). Entretanto a questão a ser

colocada é a pergunta: O que realmente há de novidade nesta forma de compreender o ser humano? Ou ela seria apenas a inovação de velhos conceitos? Mais uma pergunta se faz, como e por que a Psicologia enveredou por este caminho? As respostas para essas questões encontram-se nos dados coletados da história da origem da Psicologia como ciência, e seus fatores contextuais (Passareli & Silva, 2007).

Duas guerras mundiais foram importantes para a consolidação de algumas vertentes da Psicologia enquanto ciência (Schultz & Schultz, 2009). Quando os soldados norte americanos voltaram para os Estados Unidos ao final da II guerra mundial em 1945, vários deles apresentavam sequelas físicas e psicológicas (Seligman e Csikszentmihalyi, 2000). Esses transtornos foram desenvolvidos durante o processo das batalhas às quais foram submetidos e mesmo depois que já estavam em casa a salvo, apresentavam quadros do que é conhecido, hoje, como estresse pós-traumático. Na época, o enfoque da Psicologia estava voltado mais para a mensuração, para o desenvolvimento de testes de inteligência e a adequação da pessoa certa ao cargo certo, inclusive buscando os mais aptos para guerrearem, e, ainda, a melhoria da qualidade de vida de pessoas comuns. Esses eram os três principais pontos de trabalho dos psicólogos, ou seja, a psicologia aplicada. A psicoterapia propriamente dita ficava a cargo de psiquiatras, responsáveis por tratar os transtornos de personalidade. Vale ressaltar que muitos destes transtornos não eram conhecidos, ou estavam em processo de investigação (Seligman e Csikszentmihalyi, 2000; Schultz & Schultz, 2009)

Essa forma de condução dos trabalhos ligados ao tratamento da pessoa colocou a Psicologia e seus praticantes, numa situação desconfortável e

embaraçosa, uma vez que a demanda era muito grande e o número de profissionais qualificados para este tipo de trabalho era muito inferior ao necessário para esta finalidade. O fato deu origem a uma nova categoria profissional no campo da Psicologia, a dos psicólogos clínicos que voltaram seus trabalhos para atender a esta demanda e desenvolver pesquisas e outras necessidades frente a esta população (Schultz & Schultz, 2009; Contreras & Esguerra, 2006). Para estabelecer, de vez, esta linha divisória dentro da Psicologia, ocorreu ainda o reforço, principalmente financeiro, do *National Institute of Mental Health*, criado pelo congresso americano e dirigido por psiquiatras que disponibilizavam recursos para pesquisas que tivessem por objetivo demonstrar a significância do tratamento da doença mental e sua cura (Seligman, 2004).

Outras explicações ou respostas para as questões apresentadas referem-se ao fato de que a Psicologia busca o foco da compreensão do ser humano a partir das patologias (Sheldon e King, 2001). Este enfoque gera distorções enviesadas de se trabalhar com doenças em Psicologia sendo o erro da psicoterapia atual (Seligman, 2011). Esse mesmo autor destaca que a psicologia deveria tratar as doenças partindo da premissa positiva, do potencial saudável do ser humano e não de suas fraquezas e debilidades. Também Aspiwall e Staudinger (2003) ressaltam que a chamada psicologia científica dedicou-se por muito tempo, e de maneira desproporcional, às patologias e à recuperação do indivíduo prejudicado pela doença.

Destaca-se ainda que o enfoque da Psicologia Positiva não visa à suplementação ou ao abandono da forma tradicional de compreensão da Psicologia. Porém oferece o conhecimento mais amplificado, completo e

equilibrado da condição humana, considerando-se os aspectos patológicos, mas, também, não desprezando as potencialidades positivas deste indivíduo (Seligman, Steen, Park & Peterson, 2005).

1.1- Breve histórico sobre a Psicologia Positiva

O pesquisador Martin E. P. Seligman tornou-se presidente da *American Psychological Association* (APA) em 1988. Na presidência fez uma revisão dos bancos de dados da própria associação. Este autor verificou que havia um número alarmante de trabalhos relacionados aos aspectos, assim chamados “negativos”. Encontrou 110.382 trabalhos com o termo depressão e apenas 4711 trabalhos com o termo felicidade. Esses dados chamaram sua atenção e o influenciaram a organizar, juntamente com outros pesquisadores, o movimento da assim chamada Psicologia Positiva (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000; Paludo & Koller, 2007).

A preocupação de pensadores que estudavam os aspectos positivos do ser humano existia antes de Seligman fazer sua constatação. Contudo, foi com o surgimento do humanismo, e seus principais pensadores: Carl Rogers e Abraham Maslow, que a tendência de valorizar o positivo; o benéfico e a força criativa do indivíduo se intensificou (Keyes & Haidt, 2003). Embora estivesse ciente das capacidades do ser humano, Rogers desenvolveu trabalhos destacando estes aspectos, chamados atualmente, como forças pessoais. Assim na década de 60 escreveu um capítulo intitulado *Toward a Positive*

Psychology, no livro *Motivação e Personalidade* (Calvetti, Miller & Nunes, 2007).

A Psicologia Positiva tem a abordagem voltada para o preventivo, ou seja, se a pessoa estiver ciente de seu potencial positivo, desenvolvendo-o ou aprimorando-o continuamente, ela não precisará chegar ao consultório (Seligman, 2004,2011) Entretanto, a Psicologia Positiva adota diversas ferramentas e abordagens, para tratar a pessoa que dela precisar também no contexto clínico (Seligman, 2011).

Seligman e Csikszentmihalyi (2000) destacaram em seu artigo “*Positive Psychology: An Introduction*” publicado no número especial da *American Psychologist* que havia cerca de 24 citações, naquela época, que teriam alguma relação com os conceitos da Psicologia Positiva. Terman (1939) também evidenciou relatos de Psicologia Positiva sobre gênios. Em contrapartida Watson e Clark (1985) evidenciaram relatos desse tipo de enfoque (positivo) em seu trabalho sobre paternidade efetiva e por fim, Jung (1933) também tratou dos aspectos ligados à Psicologia Positiva em seu trabalho sobre a preocupação e a procura do significado da vida.

De acordo com Pietro-Ursúa (2006), William James em sua obra intitulada “*Mentalidade saudável*” enfocou aspectos como a felicidade e alguns dos traços denominados positivos do ser humano, bem antes da denominada Psicologia Positiva. Essa autora considera no mínimo exagerada e questiona a afirmação de Seligman e outros estudiosos da Psicologia Positiva sobre o enfoque da psicologia atual estar centrada nos aspectos negativos e patológicos. Pois, de acordo com seus estudos, vários pesquisadores, como Jung, William James, entre outros de abordagens distintas, já enfocavam antes

de Seligman e seus seguidores, aspectos como a felicidade (ligada ao humanismo) o bem estar (ligado à psicologia da saúde), a preocupação com o social (ligado à psicologia social).

Schneider (2011) afirma que a teoria humanista foi a defensora e que, mais se importou com a felicidade e com os aspectos positivos da saúde do ser humano, bem antes de Seligman apresentar sua ideia de Psicologia Positiva. Por sua vez, Blanco e Diaz (2006) fazem referência ao uso do termo “bem estar subjetivo” e “bem estar social” como sendo utilizados por Durkheim, afirmando assim que estes conceitos apresentados pela Psicologia Positiva não seriam totalmente novos.

A Psicologia Positiva faz uso de diversas ferramentas desenvolvidas por variadas ciências. Como exemplo, esta ciência preconiza a atividade do sujeito voltada para a auto-organização, tal como o construtivismo de acordo com Mahoney (2005). Esta teoria também está em consonância com a proposta da autorrealização das potencialidades humanas, como defendem os humanistas segundo Bohart e Greening (2001), e faz uso de definições ou termos utilizados na área da saúde como *coping* e resiliência conforme afirmam Barros, Martín e Pinto (2010). Lazarus (2003a, 2003b) também salienta que alguns conceitos utilizados pela Psicologia Positiva, tal como controle emocional, já estava sendo discutido em sua teoria cognitiva - motivacional – relacional das emoções, que avalia a influência do estresse na qualidade de vida e no bem estar das pessoas em diversos ambientes.

Confirmando, também, a ideia de que a Psicologia Positiva não é nenhuma inovação teórica, Scorsolini-Comin e Santos, (2009) relatam que a Psicologia Positiva não promove nenhuma novidade, enquanto área do saber

psicológico, não cria uma nova realidade. Ela estaria mais para um exercício teórico metodológico no sentido de mudar a visão que se têm dos fenômenos investigados pela Psicologia.

O que se conclui desta “polêmica” é que independentemente dos motivos que levaram seus fundadores a desenvolvê-la, é fato que a Psicologia Positiva contribuiu com uma possível correção do enfoque dado até o momento na Psicologia. Esta teoria conseguiu ganhar a atenção de grande parte da comunidade científica para o lado positivo vinculado ao desenvolvimento humano. Apresentado esse breve histórico, podemos agora descrever algumas definições sobre o que seria a Psicologia Positiva, também discorrer-se-á sobre as chamadas Forças humanas da Psicologia Positiva.

1.1– Forças Pessoais em Psicologia Positiva

Segundo Sheldon e King (2001) o enfoque da Psicologia Positiva no estudo das forças e virtudes próprias do indivíduo, fez com que os psicólogos adotassem uma postura mais detalhada em relação ao potencial e capacidades do ser humano. Calvetti, Muller e Nunes (2007) afirmam que a Psicologia Positiva seria um movimento de pessoas que pesquisam os aspectos potencialmente saudáveis. Já para Marujo, Neto, Caetano e Rivero (2007) a Psicologia Positiva debruça-se sobre os aspectos positivos do ser humano ou suas experiências positivas ou emoções positivas tais como felicidade, esperança e a alegria.

Para Seligman (2011) a Psicologia Positiva é o estudo dos sentimentos, das emoções, das intuições, e dos comportamentos positivos que têm como objetivo final a promoção da felicidade humana. Segundo o criador da teoria da Psicologia Positiva, ela se sustenta sobre três pilares: o estudo da emoção positiva; o estudo dos traços ou qualidades positivas, principalmente forças e virtudes, e por fim, o terceiro pilar seria o estudo das instituições positivas, sendo estas entendidas como organizações ou núcleos que promovam o sentido para a vida do indivíduo, como família, religião, política, etc. Algumas destas características, as chamadas emoções positivas, serão apresentadas a seguir.

A Psicologia Positiva agrega em seu escopo teórico abordagens que enfocam variados aspectos do ser humano, como as que estudam as emoções, a cognição, as abordagens ligadas aos relacionamentos interpessoais, as abordagens biológicas e as abordagens de enfrentamento específico, de acordo com Snyder e Lopez (2005). Contudo o enfoque adotado nesse trabalho ficará restrito aos dois primeiros destacados (as abordagens emocionais e cognitivas) por conterem os enfoques dados no trabalho que são a resiliência e a criatividade.

As pesquisas focadas na emoção concentram como objetos de estudo o bem estar subjetivo, a resiliência, o *flow*, entre outros. No início do século 20, os estudos empíricos sobre o bem-estar subjetivo começaram a tomar forma. Já em 1925, Flugel estudou os humores ao analisar os dados de pessoas que permitiram que seus momentos emocionais fossem gravados para estudo (Diener, Lucas e Oishi, 2005). O trabalho de Flugel foi o precursor da

experiência de amostragem moderna para medir bem-estar subjetivo on-line que investigava como as pessoas vivem suas vidas cotidianas.

Contudo Diener e Seligman (2004) afirmam que poucas pesquisas eram realizadas com o enfoque no bem estar subjetivo, antes do convite de Seligman para que psicólogos de diversos locais dos Estados Unidos, bem como autores internacionais realizassem pesquisas sobre este tema. Diante do número crescente de trabalhos com o enfoque no bem estar e outros aspectos ligados à Psicologia Positiva, definições sobre o que seria o bem estar subjetivo se fizeram necessários. Assim sendo diferentes autores, em suas publicações, apresentaram definições do que seria o bem estar subjetivo.

Por bem estar subjetivo entende-se a capacidade da pessoa em realizar avaliações cognitivas e afetivas sobre sua vida. Assim, bem estar subjetivo é um conceito amplo que inclui experimentações de emoções agradáveis, baixos níveis de experiência de mudanças de humores e satisfação de vida elevada (Diener; Lucas & Oishi, 2005). Já as pesquisas da Psicologia Positiva focalizadas na cognição enfocam: a esperança, otimismo e a criatividade entre outros.

A esperança pode ser descrita como a capacidade da pessoa em desenvolver meios para atingir os seus objetivos e manter-se motivado para essa finalidade (Snyder & Lopez, 2005). Os objetivos fornecem caminhos para alcançá-la e fazem a ligação entre a necessidade presente ou situação, com o futuro imaginado, fazendo com que a pessoa faça uso de suas capacidades para se manter motivada e focada desejando alcançar seus alvos.

Scheier e Worsch (2003) afirmam que os objetivos pessoais fornecem a estrutura que ajuda a definir e dar significado à vida das pessoas. Logo se

pode afirmar que as pessoas com esperança elevada buscam ter objetivos bem definidos e claros, desenvolvem caminhos para alcançá-los e elaboram, também, caminhos alternativos para, caso surjam dificuldades ao longo da sua trajetória.

Snyder & Lopez, (2005) pressupõe que a esperança está ligada a aspectos cognitivos, pois seria uma forma de pensamento, uma vez que se criam estratégias para desenvolvê-la e alcançá-la. De acordo com estes autores uma pessoa com um alto grau de esperança deve possuir emoções positivas, também, elevadas, pois com os mecanismos utilizados para se ter esse nível de esperança se faz necessário também uma grande quantidade de emoções positivas.

O conceito de otimismo e pessimismo diz respeito às expectativas das pessoas quando pensam em seu futuro, de acordo com Carver et al. (2009). Estudos apontam o otimismo como um importante preditor de bem estar subjetivo. Segundo as pesquisas realizadas por esses autores, pessoas otimistas experenciam menores níveis de angústias, em relação aos pessimistas, quando vivenciam adversidades, tais como intervenções cirúrgicas, diagnósticos de doenças e ainda se adaptam melhor aos novos contextos.

Zanon, Bastianello, Pacico e Hutz (2013) realizaram pesquisas buscando evidências de validade convergente de uma escala de afetos positivos e negativos (EA). Para esta finalidade participaram do estudo 853 universitários (57% mulheres) com idade média de 21 anos. A EA foi elaborada na forma de 29 sentenças que descrevem sentimentos e emoções passadas e presentes. As respostas estão apresentadas em uma escala Likert de cinco

pontos. Os instrumentos utilizados para se verificar a validade convergente da (EA) foram os seguintes: Escala de Afeto Positivo e Afeto Negativo (PANAS, Giacomoni & Hutz), Escala de Satisfação de Vida (Giacomoni & Hutz), Escala de Esperança Disposicional Traço (Pacico, Zanon, Bastianello & Hutz, no prelo), Teste de Orientação da Vida Revisado (Bastianello, Zanon, Pacico & Hutz, manuscrito em preparação) e Escala de Autoestima de Rosenberg (Hutz & Zanon, 2011). A consistência interna da escala, avaliada pelo coeficiente alfa, foi de 0,83 para afeto positivo e 0,77 para afeto negativo. Os resultados forneceram evidências de validade e fidedignidade para a EA.

Batista e Trovisqueira (2009) em seu trabalho de revisão bibliográfica sobre conceituação de otimismo ressaltaram a importância da compreensão do otimismo versus pessimismo com base no fenômeno do desamparo aprendido. Este conceito foi descoberto por Buchaman e Seligman (2005) nos estudos sobre a relação do medo e a aprendizagem em cães, utilizando-se o conceito de condicionamento clássico de Pavlov. Os resultados demonstraram que os cães ao invés de ficarem com medo do choque que tomavam ao ouvirem o som da sineta e evitar a punição fugindo, pareciam ter “aprendido” que não adiantava fugir, logo, nem tentavam. A partir desta descoberta observou-se que alguns comportamentos eram aprendidos e que o pensamento e não os reforços ou punições eram o fator determinante do comportamento (Buchaman & Seligman, 2005). Essa teoria do desamparo aprendido (*Learned Helplessness*) foi ampliada e utilizada para o comportamento humano o que possibilitou a criação de um modelo explicativo para estados depressivos, defendendo que pessoas que sofriam de depressão, na realidade, tinham falta

de afetos e emoções positivas, e, portanto, aprenderam a aceitar a sua condição sem tentar modificá-la (Peterson, 2000).

Esta percepção abriu novas oportunidades para o desenvolvimento e crescimento da ciência psicológica. A partir dessa constatação surgiu a necessidade de ferramentas que avaliassem essas e outras dimensões da Psicologia Positiva. Em resposta a essa lacuna, os pesquisadores passaram a criar novos instrumentos, pois as áreas a serem investigadas nesse campo ou área estavam claras e bem delimitadas.

1.2- Instrumentos da Psicologia Positiva

Seligman desenvolveu estudos na área da Psicologia Positiva, pois recebeu altos valores de apoio financeiro de órgãos privados dos Estados Unidos para desenvolver pesquisas. Assim ocorreu o grande avanço no desenvolvimento de instrumentos para avaliar áreas ligadas à Psicologia Positiva (Seligman, 2011; Compton, 2005).

O levantamento feito por Scorsolini-Comin e Santos (2009), investigou quais são os instrumentos, no contexto brasileiro, associados à Psicologia Positiva. Os instrumentos internacionais foram descritos partindo-se de pesquisas sobre a temática realizada em bases de dados da internet como: SCIELO, Portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). A seguir, apresentamos de forma sucinta alguns instrumentos desenvolvidos e, atualmente, em uso no Brasil e no exterior.

A Escala de Afeto Positivo e Negativo para Crianças foi desenvolvida por autores brasileiros (Giacomoni & Hutz, 2006). A Escala é composta por um total de 34 itens organizados em duas subescalas: a primeira de afetos positivos (17 itens) e outra de afetos negativos (17 itens). Os coeficientes do Alpha de Cronbach para as subescalas de afeto positivo e afeto negativo apresentam índices de confiabilidade. Análises fatoriais confirmaram a estrutura da escala por meio da solução de dois fatores. A escala, também, apresentou indicativos de validade de critério concorrente, quando comparadas com as seguintes subescalas: Escala de Autoestima, Inventário de Depressão Infantil (CDI), Subescalas do Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE-C FORMA C1-Estado, FORMA C2-Traço) e com as Medidas da Satisfação de vida (Satisfação de Vida Global Infantil e Satisfação de Vida para Crianças), estas últimas validadas por Giacomoni (2002).

Outro instrumento validado nacionalmente é a *Escala de Bem Estar Subjetivo (EBES)* (Albuquerque & Tróccoli, 2004). O instrumento foi inspirado em escalas criadas no exterior como a *PANAS*, *SWLS*. Seus itens foram elaborados e analisados em grupos de validação semântica, sendo que alguns itens foram adaptados, pois não apresentavam clareza para os brasileiros, sendo então adaptados para a cultura brasileira e ainda novos itens foram incluídos devido à mesma dificuldade destacada. Esta escala é composta por três fatores, o primeiro afeto positivo; o segundo afeto negativo e o terceiro fato satisfação com a vida. O instrumento foi elaborado com duas subescalas do tipo likert de 5 pontos. Os resultados foram analisados fazendo-se uso da Teoria de resposta ao item e confirmaram a validade de construto.

Ressalta-se ainda outro instrumento recentemente lançado e que será utilizado em nossa pesquisa é a *Escala dos Pilares da Resiliência (EPR)* (Cardoso & Martins, 2013). Nesta escala conseguiu-se comprovar a validade e a precisão do instrumento e sua forma final ficou composta por 90 itens, em forma de Escala tipo likert de 5 pontos subdivididos em 11 fatores. Os 11 fatores foram investigados para se verificar a existência ou não de correlação de cada fator separadamente e, para essa finalidade realizou-se a correlação item-total. Os resultados mostraram que dos 90 itens da escala apenas 2 ficam com o valor de correlação abaixo do valor mínimo aceitável que é de 0,30. Contudo as autoras mantiveram os fatores, pois após os arredondamentos realizados, estes resultados, por estarem muito próximos do mínimo tornam-se aceitáveis teoricamente. Quanto à precisão do instrumento o *Alpha de Cronbach* foi utilizado para verificar-se a consistência interna do instrumento. Os resultados apontaram que a maioria dos coeficientes apresentaram índices de confiabilidade dentro dos padrões esperados. Vale destacar que este instrumento foi escolhido para este trabalho e que será explicado na sessão de instrumentos.

Dentre os instrumentos internacionais destaca-se a escolha foi aleatória, limitando-se apenas a verificar se a fundamentação teórica, base do referido instrumento estava ou não associado à Psicologia Positiva, pois como apresentado anteriormente, o número de instrumentos na área dessa teoria é bem vasto atualmente. Como primeiro instrumento tem-se a *Subjective Happiness Scale* (Lyubomirsky & Lepper, 1999) que trata de uma escala de medida global da felicidade subjetiva. Esta avalia uma categoria do bem estar baseando-se desde o conceito de felicidade sob a perspectiva de quem

responde a escala. Ela é formada de 4 itens com respostas do tipo likert, e sua correção se faz por meio da somatória dos pontos obtidos e após divide-se os resultados pelo número total de itens. Sua validade de construto foi examinada, apresentando boa correlação (entre 0,61 e 0,69), por exemplo, com a *SWLS (Satisfaction with Life Scale)*.

Outro instrumento internacional é a *Positive Affect/Negative Affect Scale (PANAS-X)* (Watson, Clark & Tellegen, 1988) que avalia o afeto positivo e o afeto negativo. Essa escala é composta por 47 itens. Os resultados demonstraram que ambas as escalas são altamente correlacionadas em seu fator e em seu padrão correspondente.

A *Oxford Happiness Inventory – OHI* (Argyle, Martin & Crossland, 1989) é um questionário composto por 29 itens e avalia as causas, de maneira geral, da felicidade, e inclui a realização, a satisfação, o vigor, e a saúde dos respondentes. Quanto à validade da escala, os resultados apontaram que o instrumento é válido. Para se conseguir a validade do instrumento a OHI foi comparada com os seguintes instrumentos: as subescalas de Extroversão, neuroticismo e psicoticismo na forma curta da *Eysenck Personality Questionnaire* (Eysenck, Eysenck & Barrett, 1985); *Rosenberg's Self-esteem Scale* (Rosenberg, 1986), *Life Orientation Test* (Scheier & Carver, 1992); *Life Regard Index* (Battista & Almond, 1973) e a *Depression–Happiness Scale* (Joseph & Lewis, 1995).

Esses são apenas alguns dos instrumentos criados para a verificação destas forças que são mencionadas pela Psicologia Positiva, e com eles podemos compreender que pesquisas foram feitas e instrumentos criados para

que a Psicologia Positiva ganhe seu espaço junto às grandes linhas teóricas da Psicologia. Seligman (2004) espera que, num futuro próximo, os estudos e dados encontrados nas pesquisas em Psicologia Positiva sejam incorporados, principalmente, pela Psicologia clínica, para tratar as pessoas com as patologias compreendidas de forma tradicional, fazendo uso da visão oferecida e desenvolvida pela Psicologia Positiva. Assim sendo poderá ser mais uma alternativa para recuperar o equilíbrio e seu bem estar pessoal.

Outro conceito estudado pela Psicologia Positiva, que é um dos focos deste trabalho é a resiliência. Na presente investigação a resiliência ocupa um papel importante, pois hipotetizou-se que as pessoas de destaque são resilientes e também criativas, logo este conceito é um termo chave para esse trabalho.

2- Resiliência

O termo resiliência foi inicialmente utilizado na física. Grunspun (2006), conceituando resiliência na física, afirma que seria uma força de resistência e de recuperação, ou seja, o corpo sofreria a distensão até o seu limite máximo e passado este período de distensão, retornaria a sua forma original sem deformações em sua estrutura. O termo resiliência foi empregado pela primeira vez pelo cientista inglês Thomas Young em 1807, quando este introduziu a noção de módulo de elasticidade, procurando fazer uma relação entre a força que está sendo aplicada em um corpo e a deformação que esta força cria em contato com este corpo (Cardoso & Martins, 2013).

O termo resiliência tem sua origem etimológica fundamentada no latim *resilio* (*re+salio*), que quer dizer: “ser elástico”, “saltar para trás”, “voltar”,

“recuar”, “encolher-se” segundo Cardoso e Martins (2013). Estas mesmas autoras destacam que existem diferenças culturais para a compreensão do termo resiliência nas línguas portuguesa e inglesa. No dicionário *Houaiss da Língua Portuguesa* (2009):

1-Fís. Propriedade que alguns corpos apresentam de voltar à sua forma original após terem sido submetidos a uma deformação elástica. 2. Fig. Capacidade de se recobrar facilmente ou se adaptar à má sorte ou às mudanças. (p, 2437).

No *dicionário Eletrônico Novo Aurélio* (Ferreira, 2010).

1- Fís. Propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo que foi deformado é devolvida quando cessa a tensão causadora de uma deformação elástica. 2- Fig. Resistência ao choque.

Já no *Dictionary of Contemporary English* (Longman, 1995):

Habilidade de voltar rapidamente para seu usual estado de saúde ou de espírito depois de passar por doenças, dificuldades, etc.: resiliência de caráter; Habilidade de uma substância retornar à sua forma original quando a pressão é removida: flexibilidade. (p. 569).

Desde a década de 1970 têm-se notado em diversas áreas interessadas, um aumento de estudos, pesquisas e desenvolvimento de trabalhos ligados à temática da resiliência, tais como a Psicologia, a Antropologia, Sociologia, Economia, Direito, Medicina, entre outras (Ojeda, 2008). Em cada uma das áreas o interesse surge para atender às necessidades específicas do contexto de cada uma dessas áreas, buscando a melhoria da qualidade de vida das pessoas de forma plena.

Já na literatura psicológica de acordo com Masten e Reed (2005) o termo resiliência começou a ser estudado na década de 1970, sendo utilizado

pela Psicologia para definir a capacidade do indivíduo ter boa saúde mental ao longo da vida. Os primeiros estudos sobre a resiliência, segundo estas autoras, estavam ligados às crianças e adolescentes que eram capazes de superar grandes dificuldades e traumas sem que nenhum dano psicológico permanente restasse após a situação.

Masten e Reed (2005) destacam que o conceito de resiliência pode ser descrito da seguinte forma:

(...) uma classe de fenômenos que se caracterizam por padrões de adaptação positiva no contexto de adversidade ou risco importante. A resiliência deve ser inferida, porque são necessários dois julgamentos importantes para identificar indivíduos como pertencentes a essa classe de fenômenos. Em primeiro lugar, há um julgamento de que os indivíduos estão se “saindo bem”, ou melhor do que isso, com relação a um conjunto de expectativas de comportamento. Em segundo, há um julgamento de que houve circunstâncias atenuantes, que representavam uma ameaça aos bons resultados. (p. 75)

Até hoje não há um consenso sobre a que se refere essa classificação chamada de “adaptação positiva”. Como afirmam Masten e Reed (2005) existe uma concordância de que para ocorrer o fenômeno da resiliência se faz necessária uma adaptação externa muito grande, onde o indivíduo atende a expectativas sociais, educacionais e profissionais de uma maneira geral. Contudo não há consenso quando se fala da adaptação interna da pessoa. Para alguns pesquisadores como Rutter (1985); Snyder e Lopez (2005), uma vez que a pessoa esteja adaptada ao meio ela poderia ser considerada saudável psicologicamente. Por outro lado, os autores ainda destacam que, outras pessoas não alcançam essa condição, ser considerada saudável psicologicamente, mesmo tendo conseguido se adaptar ao meio no qual ela esteja inserida.

Conforme as autoras Masten e Obradovic (2006), a resiliência está ligada a um processo que considera variados fatores de risco e proteção tais como: contexto social, atributos pessoais, estrutura e dinâmica da família na qual a pessoa está inserida. Esses fatores, ainda conforme Masten e Reed, podem interferir no tipo de resposta que gera o estado da resiliência. Podendo, portanto ser entendida mais como um estado mental do que um tipo de resposta adaptativa da pessoa frente a uma situação, que a estimule simplesmente.

Reppold, Mayer, Almeida e Hutz (2012) em seu estudo de revisão bibliográfica sobre o uso de escalas de autorelato para mensurar resiliência, discutem dados que dão margem para uma melhor definição desse conceito. Os autores concluem que a resiliência seria melhor compreendida como sendo um estado mental e não um traço, pois deveriam ser verificados também os fatores que a compõe como risco, proteção, fatores sociais, que a influenciam. Também concluem que as escalas de autorelato não estariam de fato mensurando resiliência, pois qualquer avaliação de resiliência deve realizar uma análise adequada não apenas dos padrões adaptativos individuais, tal como as escalas o fazem atualmente, mas também das adversidades presentes no contexto, tais como os riscos existentes no momento. Assim como foi identificada pelas pesquisadoras do estudo internacional e confirmado pelos pesquisadores brasileiros, nesse trabalho a visão adotada é semelhante, ou seja, entende-se que a resiliência é um estado mental e não um traço comportamental.

Esse estudo entre outros demonstra como o conceito de resiliência vem sofrendo alterações no tempo de uso junto a outras ciências como a psicologia

por exemplo. Para exemplificar a evolução ou mudanças pelas quais o construto resiliência foi passando, será apresentada uma breve síntese do trabalho de Ojeda (2008). Ele explica que o conceito nasceu e teve sua origem no hemisfério norte com Michel Rutter, na Inglaterra, contudo foi nos Estados Unidos com Emmy Werner, que a ideia teria alcançando outros países da Europa de forma mais rápida, como Espanha, França e Alemanha. Já na América Latina o interesse pelo tema chegou um pouco mais tardiamente, porém, afirma o autor, grandes avanços e numerosos grupos tem se envolvido com a temática da resiliência nos mais diversos contextos ligados ao comportamento humano.

Já Souza e Cerveny (2006) destacam que o conceito de resiliência é construído a partir de um contexto sócio-histórico. Além disso, esse conceito bem como a questão do que vem a ser dificuldade e os fatores que servem de proteção dependem da cultura e da população na qual a resiliência vai ser criada ou desenvolvida, gerando respostas diferentes de enfrentamento às dificuldades e de superação.

Novos fatores que possam ser associados à resiliência vêm sendo investigados, testados e agregados para uma melhor compreensão deste estado mental, denominado resiliência. Outros autores foram verificando que características tais como: autonomia e autoestima estavam presentes nas crianças consideradas resilientes (Infante, 2005; Luthar, Cicchetti & Becker, 2000). Neste sentido, Masten (2001), apontou em seus estudos estas e outras características presentes nas pessoas chamadas resilientes, como por exemplo: autonomia, autoestima positiva, autocontrole, flexibilidade e temperamento afetuoso. De acordo com a autora, estas características agiriam

como protetoras do aparelho psíquico da pessoa e ao mesmo tempo desenvolveriam a capacidade de resiliência.

Uma das primeiras pesquisas ligadas à capacidade que hoje é denominada resiliência está creditada a Werner e Smith em estudos no Havaí com pessoas em condições desfavorecidas por situação econômica ou de doença, e que de alguma maneira não cumpriam o prognóstico a elas imposto. Essas pessoas superavam as expectativas de todas as previsões e continuavam a sobreviver em meio à confusão e situação de risco na qual estavam inseridas, superando-as e mantendo-se felizes apesar das adversidades por elas enfrentadas (Oliveira & Nakano, 2012).

Pesquisas brasileiras também foram feitas com adolescentes e crianças, buscando comportamentos considerados resilientes nesta faixa etária da população. Ribeiro e Gualda (2011) acompanharam sete adolescentes grávidas e verificaram como estas superavam as adversidades vivenciadas durante a gestação. Estas adolescentes desenvolveram atributos que lhes proporcionaram uma capacidade de se relacionar com os outros de forma saudável, apesar das dificuldades experimentadas, o que apontava para um padrão de comportamento resiliente nas adolescentes grávidas.

Outro estudo brasileiro buscando padrões descritos como presente em pessoas resilientes adultas foi realizado por Oliveira e Lipp (2009). Neste estudo o objetivo foi identificar comportamentos resilientes nos indivíduos que obtêm sucesso no confronto das adversidades e estresse cotidiano. Os resultados apontaram que as pessoas que apresentam características tais como autoeficácia, controle das emoções, otimismo e empatia, correm menos

risco de desenvolver estresse crônico, ou seja, apresenta comportamentos resilientes diante das situações estressantes da vida diária.

Cardoso e Dubini (2006) destacam que algumas pessoas ao enfrentarem situações adversas, conseguem resultados melhores que outras enfrentando situações semelhantes. Estes autores afirmam que estas pessoas que superam ou resistem aos problemas parecem ter maior confiança, disponibilidade para o enfrentamento e capacidade para superação, autoestima, sentimento de esperança, autonomia e independência. Calvetti, Muller e Nunes (2007) destacam em seu artigo onde apresentam as contribuições possíveis da psicologia positiva para a psicologia da saúde, que esta interface é viável e têm muito a contribuir para o desenvolvimento de ambas as abordagens. Assim sendo as pessoas consideradas resilientes parecem possuir algumas características que poderiam auxiliar-nos em sua identificação: a capacidade de superar os problemas, a influência de suas experiências anteriores e a compreensão destas habilidades por parte de seus pares, ou seja, outras pessoas resilientes, também, os identificam como sendo resilientes.

Pode-se fazer uma relação entre as respostas de pessoas consideradas resilientes com os traços das pessoas consideradas criativas. Tomando como base os estudos de Wechsler (2008) sobre características da pessoa criativa, podem ser encontrados os mesmos aspectos descritos por Cardoso e Dubini (2006) e alguns outros também encontrados nos estudos de Masten e Reed (2005) presentes nas pessoas consideradas criativas. Segundo as autoras Masten e Reed, inconformismo e flexibilidade, entre outras características, estão presentes nessas pessoas consideradas criativas e também nas

resilientes. Essas semelhanças permitem afirmar que existe relação entre características de criatividade com o estado de resiliência.

O que chama a atenção neste estudo é o fato de pessoas resilientes fazerem uso da criatividade e não só de sua capacidade de superação de problemas para solucionarem suas dificuldades. Este detalhe do estudo dos autores sugere a hipótese de que se poderia relacionar resiliência com criatividade.

2.1 - O Estado de Fluidez

O estado de fluidez (*Flow*) é caracterizado, de acordo com Nakamura e Csikszentmihalyi (2005), como o estado mental de alta concentração em que a pessoa que o experimenta está intrinsecamente motivada, está com seu corpo e mente totalmente voltado para a tarefa, esquecendo-se do tempo e do entorno. Neste momento, continuam os autores, seria como se a concentração fornecesse à pessoa as diretrizes do que deseja fazer, e como o deseja. Não há preocupação com nada mais, a pessoa fica alheia às críticas e não ao fracasso, ela se desconecta das preocupações diárias e tem a sensação de que o tempo passa muito depressa, como descrevem esses autores.

O conceito de *flow* foi proposto por Csikszentmihalyi (1999) para designar uma motivação intrínseca que acontece quando alguém se propõe enfrentar desafios. *Flow* é o modo como as pessoas se referem ao estado mental quando a consciência está organizada de forma harmoniosa e desejam continuar a atividade pela satisfação que sentem, pois os desafios enfrentados combinam com a capacidade de enfrentá-los, promovendo a gratificação e o

aumento de suas habilidades (forças pessoais) de acordo com Gonçalves e Leite (2009). São descritos oito fatores que dão suporte e que acompanham o estado de *Flow* de acordo com Nakamura e Csikszentmihalyi (2002): 1) objetivos definidos, 2) aumento de atenção e concentração, 3) sensação de perda da consciência e de si mesmo, 4) *feedback* rápido, 5) equilíbrio entre o nível de dificuldade da tarefa e a habilidade do realizador da mesma com a sensação de realizá-la, 6) sensação de controlar a situação, 7) motivação intrínseca alta, 8) diminuição da percepção dos estímulos externos.

Esses fatores despertam nas pessoas que os experenciam a sensação de domínio do que estão fazendo, além de dar a capacidade de escolha, ou autonomia ao sujeito que realiza a tarefa. Ainda podem despertar a experiência de gratificação muito elevada nesse indivíduo, o que poderia despertar a motivação para aprender e se desenvolver e, ainda, geraria prazer e felicidade na pessoa que se encontra nesse estado mental. Para Mello (2008) o *fluir* é compreendido como um estado mental que facilita a superação de barreiras para a concretização e finalização do trabalho ou da ideia proposta inicialmente. Este conceito da autora vai de encontro ao que Csikszentmihalyi (1998, 1998b) defende como sendo o estado de *fluir* (*Flow*), ou seja, um estado de consciência onde a pessoa que se encontra nele realiza suas ações voltadas para dois únicos objetivos, o da concretude da ideia e do alcance do objetivo proposto.

O que se nota no conceito do estado do *fluir* é que a pessoa que o experimenta parece possuir uma motivação intrínseca muito alta para realizar a tarefa proposta, além de possuir a capacidade de “desligar-se” de todo o resto. Contudo Mello (1998) ainda destaca que o *fluir* precisa estar sendo

constantemente construído, ou seja, precisa ser alimentado desta motivação interna que originalmente o disparou. Entretanto esta retroalimentação deve ser feita por elementos novos ou ideias mais elaboradas para que se chegue ao resultado final desejado, embora não esteja totalmente visualizado na mente de seu criador. Para que isto ocorra, continua a autora, o processo de incubação de ideias e certo distanciamento da situação ou do problema, se faz necessário, para que surjam novos elementos. Assim sendo o trabalho até aquele momento desenvolvido, pode ser repensado e mais elementos possam ser acrescentados, dando assim a forma final à ideia. Esse ponto abordado por Mello (2008) direciona o olhar para a importância do *flow*, estudado pela Psicologia Positiva e a criatividade.

3- Criatividade – Definições

A criatividade é um fenômeno complexo e multifacetado (Wechsler, 2008; Torrance, 1988). Um ponto de acordo entre os estudiosos da área é que a criatividade é uma característica psicológica, com aspectos positivos ligados à capacidade de desenvolvimento pleno do ser humano e, também à saúde mental. Portanto nela há componentes cognitivos, psicológicos, físicos, sociais, entre outros (Nakano, 2009; Wechsler, 2009). Ainda se pode afirmar que para alguns educadores e psicólogos, a criatividade estaria voltada mais para aspectos ligados à cognição ou capacidade intelectual. O que se conhece, atualmente, é que a criatividade está presente em todos os seres humanos, em maior ou menor grau, podendo ser mais ou menos utilizada, dependendo da necessidade e de condições de desenvolvimento como também de fatores ambientais e culturais (Wechsler, 1999).

A partir da década de 1950 houve o aumento significativo dos trabalhos na área de criatividade. Este aumento se deu a partir do discurso de Guilford quando este assumiu a presidência da *American Psychological Association* (APA). Este autor investigando nos bancos de dados da entidade os estudos ligados à criatividade, constatou um número bem baixo de pesquisas na área. A partir desse levantamento dispararam os estudos ligados a esta área o que gerou outra dificuldade: a não definição única e centralizadora do conceito de criatividade (Oliveira & Nakano, 2011). Contudo não se pode deixar de crer que a criatividade exista ou que esteja presente em diversos contextos.

Um exemplo da dificuldade em definir a criatividade está associado ao fato de que existem diversas definições sobre a temática, todas destacando

aspectos ou facetas ligadas a algum traço da personalidade humana. Para MacGree (1987), por exemplo, existem quatro facetas associadas ao estudo da criatividade: o primeiro seria o **contexto**, ao qual o autor denomina de (situação criativa), o segundo seria o **produto** da criação (produto da criatividade), o terceiro seria classificado como o **processo** da criação (a criatividade como processo) e o quarto, finalmente, estaria classificado como a **pessoa** criativa (seriam os traços de personalidade, as escolhas e as características psicológicas deste indivíduo que a tornariam criativa em termos relativos ou absolutos).

Basicamente, a criatividade pode ser conceituada como um conjunto de capacidades que permite uma pessoa comportar-se de maneira nova e adaptativa em determinados contextos (Mouchiroud & Lubart, 2002). Criatividade também pode ser definida como a capacidade de se criar uma solução ao mesmo tempo inovadora e apropriada às necessidades da sociedade ou de seu criador (Sternberg & Lubart, 1999).

Newell e colaboradores (1963) utilizam quatro critérios para categorizar determinada solução como criativa: **a)** a solução é nova e útil, tanto para o indivíduo quanto para a sociedade; **b)** a solução requer que sejam rejeitadas ideias previamente aceitas; **c)** a solução resulta de intensa motivação e persistência; **d)** a solução é obtida a partir do esclarecimento de um problema que era inicialmente vago. De acordo com o primeiro critério, a criatividade pode ser distinguida entre o indivíduo que produz para si, e ao reconhecimento da produção individual para a sociedade, denominadas, respectivamente, como criatividade psicológica e criatividade histórica (Boden, 1990). Para este último autor a criatividade também difere quando ela surge da exploração de um

espaço conceitual estabelecido ou emerge da transformação ou transcendência desse espaço conceitual.

O conceito de criatividade foi ganhando cada vez mais estudiosos a partir do discurso de Guilford. Em 1990, na Universidade de Buffalo, foram reunidos especialistas das mais diversas partes do mundo para discutir o estado da arte em criatividade, e buscando uma definição consensual sobre a mesma. Uma conceituação bem abrangente foi proposta, sendo a criatividade o resultado da interação entre processos cognitivos, características de personalidade, variáveis ambientais e elementos inconscientes. Os pesquisadores destacaram, já nessa ocasião, a importância de se avaliar a criatividade nas mais diversas formas, considerando o seu aspecto multidimensional, variáveis ambientais e elementos inconscientes (Wechsler, 1999).

Atualmente verifica-se uma ampliação da visão sobre a criatividade. Em seu estudo Kaufman e Beghetto (2008), apresentaram um modelo teórico para uma definição da criatividade de uma maneira mais apurada. Nesse estudo teórico os autores destacam três tipos de criatividade as quais eles denominam criatividade grande C (*BIG C*), criatividade pequeno c (*Little c*), criatividade mini C (*mini c*). Na criatividade (*Big C*) se encontram as pessoas que se destacam por suas inovações ou grandes descobertas. Já a pequena criatividade (*Little C*) descreve pessoas que fazem uso de sua criatividade para inovações e criações, “menos destacadas” ou restritas, por exemplo, a inovação no ambiente de trabalho, melhorando o desempenho da sua equipe ou de sua empresa. Já a criatividade mínima (*mini C*) seria, utilizada, por exemplo, para descrever estudantes em suas tarefas cotidianas.

Estudos empíricos sugerem ora que há relação entre a criatividade e a inteligência, e ora os resultados permitem a conclusão contrária a afirmação anterior, ou seja, acabam gerando dificuldade para se concluir se tal relação, entre inteligência e criatividade, existe ou não. Pesquisas como a realizada por Kim (2005), investigando a relação entre os resultados dos testes de inteligência e os resultados dos testes de criatividade. Em um trabalho de meta análise com 21 estudos que investigaram a relação entre os dois constructos. Os primeiros resultados deste levantamento apresentaram 447 coeficientes de correlação e ainda foram investigados mais de quarenta e cinco mil participantes. Os resultados de acordo com o autor obtiveram a correlação considerada pequena ($r = 0,17$) e pouco significativa entre a inteligência e a criatividade.

Em seu trabalho buscando as mesmas relações, Nakano, Wechsler, Campos e Milan (2015) realizaram dois estudos que buscaram a relação entre a inteligência e a criatividade. O primeiro com a Bateria de Avaliação de Altas Habilidades/Superdotação (Nakano & Primi, 2012), onde foram encontrados resultados indicando relação positiva entre os construtos de inteligência e criatividade. Considerando-se o total das pontuações nos subtestes, as autoras destacam que há uma correlação moderada entre inteligência e criatividade figural e alta correlação entre inteligência e criatividade verbal. O segundo estudo foi realizado com a Bateria de avaliação de Inteligência e Criatividade para Adultos (BAICA) de Wechsler (2013). Os resultados apontaram que foram encontradas relações entre inteligência e criatividade na BAICA em relação aos outros vários instrumentos.

3-1 A Pessoa Criativa

Muito se tem estudado sobre a personalidade criativa, mas quais seriam os componentes de uma personalidade criativa? Existem elementos ou traços na personalidade criativa? Pesquisas foram realizadas para definir quais são os traços da pessoa criativa. Embora estudiosos não apresentem um consenso sobre todos os traços ou características, alguns deles foram destacados como: originalidade, abertura para experiência e envolvimento afetivo no trabalho (Hennessey & Amabile, 2010; Martinsen, 2011).

Estudos realizados por Smith (2008) e, também Chávez – Eakle, Eakle e Cruz-Fontes (2012), destacam que a criatividade está intimamente ligada à personalidade. Esses autores acreditam que o potencial criativo da pessoa dependeria ou de sua personalidade ou de como são organizadas as experiências deste indivíduo para que seu potencial criativo seja plenamente desenvolvido.

Autores como Martinsen (2011); Cheng, Kim e Hull (2010) e Smith (2008) afirmam que a definição da personalidade criativa é complexa, pois diversas variáveis interferem na construção ou formação da mesma, e todas são consideradas para se definir o que seria uma personalidade criativa. Já Runco (2007) define o conceito (personalidade criativa) como a capacidade do indivíduo de desenvolver novas ideias, comportamentos ou produtos como respostas para problemas percebidos.

Pesquisas de sobre o desenvolvimento do pensamento divergente de Hui et al (2013) afirmam que os resultados apresentam um U invertido ao longo do ciclo da vida, tendo poucos ganhos por volta dos 17 anos de idade, tendo

um pico aos 40, sendo que daí em diante começa a declinar. Esta curva é bem conhecida dos pesquisadores e estaria relacionada à personalidade criativa, pois, este desempenho estaria ligado à produtividade do indivíduo ao longo da vida. Os resultados concluem que aos 17 anos de idade, a pessoa necessita utilizar pouco, em suas tarefas diárias, o pensamento divergente. Entretanto afirmam estes autores que aos 40 anos de idade, devido ao padrão de vida que leva, necessita fazer mais uso desta forma de pensamento, o que acabaria sendo incorporado à sua personalidade como uma parte ativa dela. Após este período de produtividade, ocorreria um declínio, por não haver mais tanta necessidade de uso do potencial criativo, o que coincidiria com o período da aposentadoria.

Tais resultados entre inteligência e criatividade na vida adulta são questionados por Souza e Wechsler (2013), que compararam a inteligência e a criatividade em pessoas de meia idade e idosas (81 pessoas). Para a comparação foram utilizados a Bateria de Habilidades Intelectuais de Adultos e os testes Pensando Criativamente com Palavras e com Figuras, que foram aplicados individualmente. Nas análises após a coleta de dados, foram observadas os seguintes resultados: os testes verbais, de processamento visual e criatividade, foram influenciados significativamente pelo nível educacional. Os testes de memória também sofreram influência significativa do nível de escolaridade, com quedas na faixa etária maior (pessoas com 45 a 59 anos). De acordo com as autoras, a inteligência parece ser influenciada pelo nível escolar atingido pelas pessoas até a sua fase adulta. Já a criatividade parece também sofrer influência do nível escolar, contudo destacam as autoras que ela melhora com o nível de escolaridade das pessoas, em especial nos

idosos. Demonstrando assim que o idoso pode ser mais criativo que a pessoa de meia idade, se seu nível escolar for mais alto. Souza e Wechsler concluem o estudo afirmando que em sua investigação, a inteligência e a criatividade se relacionam significativamente.

Destaca-se também o instrumento validado por Wechsler (2004) que é o Teste de Criatividade Figural e Verbal, que foi desenvolvido por Torrance (1988). Esse instrumento foi criado com a finalidade de investigar a presença ou não de traços criativos nas pessoas. As áreas investigadas pelo teste são: Fluência (que se refere à quantidade de ideias); Flexibilidade (que se refere à diversidade da categoria de ideias); Originalidade (ligada a ideias incomuns); Elaboração (ligado à quantidade de detalhes); Expressão de Emoção (sentimentos expressos nos desenhos); Fantasia (seres imaginários nos desenhos); Combinação (síntese de estímulos); Movimento (expressão de ação); Perspectiva Incomum (realizações de desenhos em perspectiva diferente das usuais); Perspectiva Interna (ligados a desenhos vistos por dentro); Contexto (ligados a criação de ambientes para os desenhos); Extensão de Limites (demonstração de ir além dos limites dos estímulos apresentados no desenho do teste); Títulos Expressivos (ligado ao uso da imaginação na criação dos títulos dos desenhos realizados); Índice Criativo figural ou verbal 1 (adição das 4 primeiras características que são consideradas indicadores cognitivos) e índice criativo figural ou verbal 2 (adição de todas as 13 características, consideradas como sendo indicadores cognitivos e emocionais).

A validação destes dois instrumentos (figural e verbal) foi conseguida seguindo os mesmos critérios e passos realizados por Torrance de acordo com

a autora. Escolheu-se a amostra que foi composta por 128 participantes, sendo 59 definidos como criativos (30 mulheres e 29 homens) e 69 (38 mulheres e 31 homens) considerados como não criativos. O questionário de realizações criativas foi utilizado para se definir quem era criativo por meio de suas produções reconhecidas pela sociedade como sendo criativas. Vale destacar que o mesmo questionário foi utilizado para a identificação dos participantes considerados de destaque para este trabalho. Os resultados apontaram que os testes de criatividade figural e verbal possuíam evidências de validade por convergência para a cultura brasileira, pois estavam significativamente relacionados com a produção criativa na vida real segundo Wechsler (2004).

Outro instrumento que também investiga essas características criativas, em crianças é o *Teste de Criatividade Figural Infantil* de Nakano e Wechsler e Primi (2011). Este instrumento foi criado baseado no teste de Torrance *Pensamento Criativo Figural*. Os resultados de correlação entre o teste Figural Infantil com o teste figural de Torrance evidenciam validade critério pela convergência. Ainda foi auferida a precisão no teste – reteste segundo estudos feitos sobre validade por Nakano e Primi (2012).

O estudo elaborado por Baer e Kaufman (2008) teve por objetivo descrever diferenças em criatividade entre gêneros em diversas áreas investigadas pelos autores. Os resultados encontrados atestaram que há certa dificuldade em se definir exatamente se tal diferença existe mesmo ou não, devido ao fato da oscilação dos resultados, ora indicando scores maiores para um gênero, ora para outro gênero. Portanto os autores concluem seu trabalho afirmando que não se deve considerar tais diferenças como inatas, pois outros fatores como a cultura, os aspectos sociais, educacionais ou mesmo

econômicos, entre outros, podem afetar, positivamente ou negativamente estes resultados.

Um estudo de revisão bibliográfica realizado por Flores-Mendoza (2000) buscou investigar como são estudadas as diferenças entre os gêneros na cognição. O estudo foi realizado a partir da leitura de trabalhos que destacavam diferenças entre os gêneros já no início do século 20 tais como: o livro do fisiologista alemão Moebios, no qual destacava a “inferioridade mental da mulher”. A autora ainda destaca, desde o início do século passado já se acreditava que o gênero masculino possuía uma maior variabilidade intelectual em relação às mulheres. Já estudos realizados pelos psicólogos americanos Terman e Miles, na década de 20 destacavam diferenças de QI, com pontuações menores para as mulheres. Mais recentemente, na década de 80 os estudos de Feingold apontam que, na região mediana da distribuição normal da inteligência, a diferença entre homens e mulheres não diferem significativamente. Contudo destaca a autora, que de acordo com Anastasi (1968) os homens conseguiram melhores pontuações em tarefas de informação geral, em tarefas de raciocínio aritmético e aptidão espacial. Já as mulheres apresentaram resultados mais destacados em funções verbais como tarefas de soletração, uso gramatical da linguagem, tarefas que exigem memória, e ligadas à percepção de detalhes. Flores-Mendoza (2000) conclui seu estudo afirmando que após a revisão realizada os resultados indicam que não há diferenças cognitivas entre os gêneros de maneira geral.

3-2 ESTILOS DE PENSAR E CRIAR

Os Estilos de Pensar e Criar têm sido um importante tópico de pesquisa na área de psicologia há mais de 60 anos. Podem ser entendidos como sendo as maneiras como as pessoas fazem uso de seus processos cognitivos psicológicos para solucionar problemas (Zhang & Sternberg, 2009). Diversas áreas em Psicologia, incluindo as especializadas na cognição, personalidade e criatividade, têm contribuído para o entendimento de estilos pessoais através de suas pesquisas, construção de teoria, e outras formas de estudos. A magnitude dessas contribuições sublinha o interesse considerável na construção deste conhecimento entre os psicólogos (Wechsler, 2006).

Muito embora o interesse nesse constructo seja grande há certa complexidade em defini-lo com precisão. Por exemplo, o estudo de Messik (1984) identificou oito categorias classificando-as como cognitivas, e Hayes e Allisson (1994) identificaram 29 definições para estilos. Embora exista uma variedade de definições, e elas demonstrem a complexidade desse constructo, há um consenso de que os estilos cognitivos independem das habilidades cognitivas de um indivíduo refletindo mais uma preferência do que uma capacidade (Runco, 2007).

A primeira pesquisa no campo de estilos cognitivos dependentes ou independentes buscava os primeiros esforços para fornecer métodos para a classificação de formas como as pessoas percebem as informações do processo (Wechsler, Vendramini & Oakland, 2012). Ainda segundo os autores, outros pesquisadores tais como Kagan que destacou em seus estudos que os estilos cognitivos poderiam ser entendidos por meio de outras dimensões

incluindo o estilo impulsivo versus reflexivo ou segundo Harvey; Hunt e Schroder poderiam ser classificados como estilos abstratos versus concretos.

Já Sternberg (1997,2005) propôs que estilos cognitivos, fossem entendidos sob diferentes dimensões, incluindo o estilo reflexivo e mental. De acordo com seus estudos os resultados poderiam ser classificados com base em: suas funções (legislativo, executivo e judicial); formas (monárquicas, hierárquicas e anárquicas); os níveis (local e global); escopo (interna e externa) e aprendizagem (liberal ou conservador). O autor ainda destaca que esses estilos se oporiam ao estilo impulsivo. Wechsler, Vendramini e Oakland (2012) apontam que os estilos são em grande parte distintos da inteligência ou habilidades.

Cheng, Kim e Hull (2010) realizaram estudos comparando os estilos de estudantes americanos com seus pares taiwaneses, fazendo uso do teste de pensamento criativo de Torrance e o *Keirseley Temperament Sorter II*, baseado Modelo Big Five. Os resultados encontrados apontaram que existem correlações significativas entre os estilos criativos inovadores e intuição; estilo criativo adaptativo e intuição; extroversão com sentimento; estilos criativos adaptativos com intuição e perseverança. Destacam ainda que as diferenças são significativas entre os estudantes dos dois países, sendo os americanos possuidores de estilos mais criativos que os estudantes taiwaneses. Contudo os autores descrevem que as influências culturais do oriente e do ocidente podem interferir nos traços investigados pela pesquisa, que em última instância poderiam justificar essas diferenças encontradas.

Ainda outras pesquisas que investigaram estilos cognitivos e solução de problemas com personalidade, buscaram resultados entre estes três

construtos para verificarem a existência de associações. Como exemplo tem-se a pesquisa de Kirton e Ciantes (1985) investigaram a relação do Inventário de Adaptação –Inovação (*KAI*) com o Inventário 16 fatores de Cattell (*16PF*). Os autores definiram quatro hipóteses para serem investigadas: para o primeiro grupo que continham os fatores da 16PF foi esperado uma forte relação entre a adaptação e a inovação (A-I). Para o segundo grupo foram esperadas relações mais fracas entre os fatores ligados a A-I. Para o terceiro grupo, não deveria surgir nenhum tipo de relação ligada a A-I. Já o quarto grupo foi apenas exploratório, contudo, se as descrições A-I seguissem as tendências consideradas padrão, então também não deveriam surgir nenhum tipo de relação. Os resultados demonstraram que foram encontradas relações esperadas para o grupo 1. No grupo 2 foram encontrados resultados em fatores que não deveriam ter surgido, contudo essas relações foram consideradas pequenas com resultados abaixo do esperado pelo autor. Assim sendo, esses resultados ainda estavam dentro do desejado (hipótese dois). Quanto ao grupo 3 não foram encontradas relações significativas entre a Inteligência e a *KAI*. Resultado também confirmado pela sua hipótese, e a quarta hipótese também foi confirmada. Portanto, Kirton e Ciantis (1985) concluíram que o estilo adaptador considera mais as questões sociais, formalidades e interações advindas dessas relações.

Estudo realizado por Shelby, Treffinger, Isaksen e Lauer, (2004) no qual foram comparadas medidas de estilos cognitivos e estratégias criativas para solução de problemas, apontaram que o estilo desenvolvedor é compatível com o estilo adaptador de Kirton, e o estilo explorador é similar ao estilo inovador de Kirton. Estes resultados sugerem que os estilos devem ser

vistos como uma “ponte” entre a cognição e da personalidade, assim implicando que o processo cognitivo bem como características de personalidade pode influenciar a expressão de um estilo pessoal.

Destaca-se no estudo de estilos a Escala Estilos de Pensar e Criar de Wechsler (2006). Na validação desta escala a amostra foi composta por 128 participantes sendo 59 definidos como criativos, sendo 30 mulheres e 29 homens e 69 considerados não criativos, sendo 38 mulheres e 31 homens. A escolha dos fatores que compuseram a versão final do instrumento foi conseguida por meio de análises fatoriais para a escolha dos fatores (rotação de Oblimin). Cinco fatores de primeira ordem destacaram-se com pontuação *eigenvalue* >2,00 e com carga fatorial >0,30, positiva ou negativa, explicando, de acordo com Wechsler (2006), 38,38% da variância. Já a precisão dos fatores foi conseguida pelo Coeficiente Alfa de Cronbach. Os cinco fatores da escala Estilos de pensar e Criar são: Estilo Cauteloso Reflexivo: pessoa reflexiva, prudente e ordeira. Pensa muito antes de agir, é crítica, avaliador e sistemático; Estilo Inconformista Transformador: pessoas questionadoras, dinâmicas, sonhadoras, otimistas, espontâneas, confiam em si mesmas, lideram pessoas facilmente; Estilo Lógico Objetivo: caracteriza-se pelo pensamento lógico, racional, pragmático, gosta de seguir regras, gosta de tarefas estruturadas, gosta de situações práticas, evitando improvisações; Estilo Emocional Intuitivo: caracteriza-se pelo predomínio das emoções e intuições. Possui alto grau de imaginação e fantasia. Resolve conflitos de grupo, pois possui elevado nível de empatia com sentimentos alheios. É impulsiva; Estilo Relacional Divergente: é encontrado em pessoas flexíveis, lidera bem grupos, pois ouve a todos os

membros do grupo, tentando atender a todos. Aberto a novas ideias, lido bem com riscos.

A relação entre os fatores da escala e a produção da vida real dos participantes foi realizada por meio da correlação de Pearson. Os resultados demonstraram que houve correlação entre a produção criativa, não criativa e total e os cinco estilos estudados no teste, demonstrando que o teste estilos de pensar e criar possui evidências de validade por critério externo. Este foi outro instrumento utilizado na presente pesquisa e também será descrito mais detalhadamente na sessão de instrumentos.

Nakano, Santos, Zavarize, Wechsler e Martins (2010), realizaram um estudo para comparar os estilos de pensar e criar em universitários das áreas de humanas e sociais aplicadas. O objetivo deste estudo foi avaliar os estilos de pensar e criar de universitários, de acordo com o curso de origem e gênero. O teste de estilos de pensar e criar de Wechsler (2006) foi utilizado. A amostra foi composta por 439 estudantes dos cursos de Administração (244; 55,58%) e Psicologia (195; 44,42%), sendo 360 (82%) do gênero feminino e 79 (18%) do masculino, com idades entre 18 e 55 anos. Os resultados indicaram que as variáveis gênero e curso não tiveram influência significativa nos estilos, mas somente a junção das duas variáveis em relação ao estilo relacional-divergente.

O que se pode notar após este sucinto relato de pesquisas sobre a questão dos estilos de pensar é que esta é uma área que vem despertando cada vez mais o interesse de pesquisadores por sua importância e relevância. Percebe-se que estilos seriam caminhos que a pessoa utiliza para ativar a sua criatividade para realizar suas tarefas ou criar soluções, ou ainda inovar

(Nakano, Santos, Zavarize, Wechsler & Martins, 2010), sendo, portanto necessário realizar mais pesquisas sobre o tema.

Pode-se inferir a partir do exposto, que buscar diferenças em pessoas de destaque se torna relevante uma vez que, se encontradas tais diferenças poderiam ser compreendidos os caminhos para que outras pessoas também alcançassem o mesmo nível de realização. Assim sendo este estudo delineou-se para buscar compreender os estilos, a resiliência e as características de criatividade que possam diferenciar pessoas de destaque e não destaque.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Investigar as relações entre características relacionadas com resiliência e criatividade em pessoas que se destacam em diferentes áreas.

Objetivos Específicos

- 1- Verificar se existem diferenças entre os grupos destaque e não destaque na sua produção criativa.
- 2 - Verificar se existem diferenças significativas entre os grupos destaque e não destaque em estilos de pensar, resiliência e características criativas.
- 3- Analisar se existem relações significativas entre produção criativa com, resiliência, estilos de pensar e características criativas.
- 4- Investigar se existem diferenças de gênero na produção criativa, estilos de pensar, resiliência e características criativas.

Partindo-se dos objetivos propostos, as hipóteses para o trabalho foram:

- 1- Existem diferenças entre os grupos (destaque e não destaque) em relação à sua produção criativa.

- 2- Existem diferenças significativas entre os estilos de pensar, a resiliência e nas características criativas entre pessoas de destaque e não destaque.
- 3- Existem relações significativas entre a produção criativa, resiliência, estilos de pensar e criar e as características criativas.
- 4- Não existem diferenças significativas entre os gêneros quanto a sua produção criativa, seus estilos de pensar, na resiliência, e nas características criativas.

MÉTODO

PARTICIPANTES

A proposta inicial para esse trabalho comparativo foi compor uma amostra de 40 participantes. Entretanto o número de participantes para este trabalho, em sua versão final, foi de 24 pessoas de ambos os gêneros. Para comporem a amostra 12 dessas pessoas ganharam algum tipo de destaque ou premiação em sua área de atuação profissional, sendo classificados como destaque. Estas por sua vez, indicariam seus pares, com o cuidado de serem pessoas que não tivessem ganhado nenhum tipo de destaque ou premiação em sua área de atuação profissional, formando o grupo de não destaque, sendo composto também por 12 participantes de ambos os gêneros e com idades variadas.

Os participantes tinham idade entre 32 a 60 anos, distribuídos nas seguintes áreas de atuação: área 1- psicologia, composta por seis (06) psicólogas atuantes em consultório/clínica; área 2- educação, composta por (08) professores; sendo quatro (04) professores de ensino superior; dois (02) professores do ensino médio e; dois (02) coordenadores de curso; área 3- saúde sendo composta por duas (02) fonoaudiólogas e dois (02) médicos; área 4- decoração/designer, composta por 02 profissionais uma (01) designer de interiores e um (01) arquiteto; área 5- música, agregando quatro (04) músicos, sendo todos eles instrumentistas e também compositores, conforme dados apresentados na Tabela1.

Para dar início aos resultados obtidos a partir das análises dos dados destaca-se a Tabela 1 onde são apresentados os resultados referentes aos

grupos 1 (destaque) e grupo 2 (não destaque) referente à idade dos participantes deste grupo.

Tabela 1 – Faixa etária dos participantes dos grupos destaque (1) não destaque (2)

Faixa Etária	Grupo 1 Destaque	Grupo 2 não Destaque
32 – 40	3	4
41 – 46	3	4
47 – 53	4	1
54 – 60	2	3
Total	12	12

Em relação ao grupo destaque (1) nota-se que o maior número de participantes (N=4) está alocado no intervalo etário entre 47 - 53 anos. Em relação ao grupo 2 não destaque, nota-se que existe um número de participantes (N=4) nas faixas etárias situadas entre 32 – 40 anos e 41 – 46 anos. Na Tabela 2 temos os resultados dos grupos em relação as suas áreas de atuação profissional.

Tabela 2 - Áreas de atuação profissional dos grupos destaque (1) não destaque (2)

Áreas	Grupo 1 Destaque	Grupo 2 não Destaque
1	2	2
2	5	5
3	2	2
4	1	1
5	2	2
Total	12	12

Áreas: 1- psicologia; 2- educação; 3- saúde; 4- designer e decoração, 5- música

No que diz respeito aos resultados da Tabela 2 em relação à área de atuação profissional dos participantes, nota-se que temos uma repetição de respostas. A intenção do pesquisador foi formar pares profissionais para que se pudesse compará-los, logo este resultado foi esperado. Esse fato pode ser percebido na distribuição dos grupos na Tabela 2. Em relação à distribuição, após a perda de sujeitos, nos grupos (1 e 2) nota-se que a maior quantidade de participantes (N= 5, 41) concentra-se na área de Educação, seguidos pelas áreas de Psicologia, Saúde e Música com (N=2) em cada área, representando (16,67%) da amostra em cada uma das áreas de atuação. Finalizando com a área designer/decoração (N=1) para cada grupo.

Na Tabela 3 apresenta-se os resultados referentes à produção reconhecida do grupo 1 destaque. Vale salientar que nesta tabela não são encontrados resultados em relação ao grupo 2 não destaque, uma vez que o critério para a inclusão dos participantes nesse grupo foi não haver nenhum reconhecimento/premiação por sua produção criativa na vida real.

Tabela 3 - Produção reconhecida dos grupos destaque (1) não destaque (2)

Quantidade de produções	Grupo 1 Destaque	Grupo 2 não Destaque
1	8	0
2	1	0
3	2	0
5	1	0
Total	12	0

Pode ser observado que em relação às produções reconhecidas como criativas na vida real dos participantes do grupo 1 destaque, a maioria (8)

participantes possuem apenas uma produção criativa reconhecida cada um. Essas 8 pessoas representaram (66,67%) da amostra total investigada. A segunda posição é ocupada pelos 2 participantes que possuem 3 produções. Esses indivíduos representaram (16,67%) da amostra do trabalho. Ainda destacam-se outros dois participantes 1 com 2 produções, representando (8,33%) da amostra e outro com 5 produções representando (8,33%) da amostra que compõem o grupo 1 destaque. Na Tabela 4 apresentamos os resultados obtidos em relação à produção não reconhecida dos grupos 1 destaque e 2 não destaque.

Tabela 4 - Produção não reconhecida dos grupos 1 destaque 2 não destaque

Quantidade de produções	Grupo 1 destaque	Quantidade de produções	Grupo 2 não destaque
1	1	1	4
3	3	5	1
4	2	9	1
12	1	13	1
16	1	15	1
20	1	16	1
32	1	19	1
34	1	21	1
243	1	36	1
Total	365	12	135
			12

Salienta-se em relação à produção não reconhecida que os cálculos realizados enfatizam o número de participantes, sendo considerado relevante o número de pessoas com suas produções, e não a quantidade de suas produções. Partindo-se dessa compressão destacam-se os seguintes

resultados: o grupo 1 (destaque) tem o maior número de pessoas com um total de 3. Esse resultado representa (25,0%) dos participantes do total de 12. Em segundo lugar têm-se 2 participantes. Representando (16, 67%) do total da amostra. Tem-se ainda outros 7 participantes, que individualmente possuem um número elevado de produções, na seguinte ordem: 1 participante com 1 produção; 1 participante com 12 produções, 1 participante com 16 produções, 1 participante com 20 produções, 1 participante com 32 produções, 1 participante com 34 produções e 1 participante com 243 produções. Apesar desse elevado número de produções, como o enfoque foi dado ao número de pessoas, cada um desses participantes representam apenas (8,33%) da amostra cada um. Se somados (esses participantes) representam (58,31%) da amostra. Na Tabela 5 destacam-se os resultados encontrados em relação à produção total dos participantes do grupo 1 (destaque) e do grupo 2 (não destaque).

Tabela 5 - Produção total do grupo 1 destaque e grupo 2 não destaque

Quantidades de produções	Grupo 1 destaque	Quantidade de produções	Grupo 2 não destaque
2	1	1	4
4	1	5	1
5	3	9	1
8	1	13	1
13	1	15	1
17	1	16	1
22	1	19	1
35	2	21	1
246	1	36	1
Total	352	12	135
			12

Pode-se observar que em relação aos resultados do grupo 1 na produção criativa total, tem-se como resposta mais elevada três (N=3) participantes que representaram (25,0%) da amostra total pesquisada. Em segundo plano observam-se dois (N=2) participantes, que representaram nesse estudo (16,67%) da amostra final. Os outros participantes (N=1) representaram (8,33%) da amostra cada.

Instrumentos

A) Teste de Criatividade da Bateria de Avaliação de Inteligência e Criatividade para Adultos (BAICA) - Wechsler (2013).

Esse teste faz parte de uma bateria composta de 7 subtestes que investigam a inteligência e a criatividade. O teste de criatividade da bateria de Avaliação de Criatividade e Inteligência para Adultos (BAICA) foi elaborado por Wechsler (2013) a partir do teste Criativo Figural e Verbal de Torrance (Torrance, 1990). Ainda vale destacar que o teste de criatividade verbal e figural foi validado para a população brasileira por Wechsler (2004). As áreas consideradas criativas de acordo com Torrance (1962) investigadas no instrumento são:

Fluência: capacidade de gerar um grande número de ideias e soluções para um problema.

Flexibilidade: habilidade de se observar um problema sob diferentes ângulos e de mudar os tipos de propostas para solucionar um problema.

Originalidade: capacidade de gerar ideias raras ou incomuns, quebrando padrões habituais de pensar, gerando respostas incomuns dentro de um determinado grupo de pessoas.

Elaboração: capacidade de embelezar uma ideia por meio de acréscimo de detalhes e enriquecimento de informações, procurando gerar um sentido de harmonia e elegância estética.

Títulos Expressivos: essa habilidade é caracterizada pela busca de ir além da informação, saindo do óbvio, tentando expressar a essência de sua ideia, por meio do nome dado a sua criação no teste. Essa característica criativa só é investigada na atividade figural da BAICA.

O teste de criatividade da BAICA é composto por três atividades, sendo uma figural e duas verbais. A atividade 1 (figural) é composta por 8 rabiscos, que pretendem investigar a criatividade nas áreas: fluência, originalidade, elaboração e títulos expressivos. Destacamos que estas foram as dimensões investigadas também pelo teste figural no instrumento original de Torrance e foram mantidas na versão brasileira adaptado por Wechsler (2004). Ainda vale salientar que apenas na atividade figural é que o fator títulos expressivos é avaliado, seguindo o modelo do teste original já citado.

A atividade 2 da BAICA está classificada como verbal. O participante deverá observar uma figura e elaborar perguntas para compreender o que acontece com os elementos presentes na figura. Essas perguntas fornecem respostas que dão indícios do potencial criativo do sujeito. As respostas fornecem dados para a investigação das seguintes características: fluência, elaboração, originalidade. Estas características são consideradas indicadores de pensamento divergente e auxiliam na compreensão da criatividade a partir do funcionamento cognitivo da pessoa (Milian & Wechsler, 2014, no prelo).

A atividade 3 (verbal), a pessoa faz uso de seu potencial criativo para imaginar possibilidades hipotéticas a partir de uma situação improvável proposta pela atividade anterior Wechsler (2013). As áreas investigadas nessa atividade são idênticas as da atividade 2. A partir das respostas pode-se completar a investigação das áreas ligadas a características de criatividade verbal.

Estudos foram realizados para se buscar evidências de validade da BAICA, como o realizado por Wechsler, Vendramini, Schelini, Lourençoni Ferreira e Mundim (no prelo) que investigaram um modelo estrutural de habilidades cognitivas dos adultos e sua influência na escolha das carreiras. A amostra foi composta por 748 estudantes universitários (60,3% mulheres) de diferentes cursos de formação profissional. Os resultados do estudo apresentaram valores considerados adequados ($GFI > .95$, $.05 < RMSEA < .08$, $NFI > .90$). De acordo com o modelo inteligência cristalizada (Gc), foi composta por sinônimos, antônimos e vocabulário; inteligência fluida (Gf) foi composta por analogias verbal, pensamento espacial e pensamento lógico, ainda foram encontradas áreas de vocabulário que foram correlacionadas com os dois tipos de inteligência. O mesmo caminho para a estrutura de informação foi observada em todos os universitários participantes, indicando que ambos os tipos de inteligência estão presentes, apesar da escolha de carreira. Além disso, foram encontradas evidências de validade para BAIAD.

Outro estudo realizado para comparar inteligência e criatividade foi realizado por Nakano, Wechsler, Campos e Milian (no prelo) entre a BAICA e a Bateria das Altas Habilidades/ Superdotação com uma amostra de 285 adolescentes (54% mulheres). Os resultados analisados indicaram que inteligência, criatividade figural e criatividade verbal são constructos independentes, com baixa correlação entre criatividade figural e inteligência, e correlação moderada entre criatividade verbal e

inteligência. As autoras finalizam sua pesquisa indicando a necessidade de mais estudos tanto para a inteligência quanto para a criatividade.

B) Escala Estilos de Pensar e Criar - Wechsler (2006).

Esta escala é composta por 100 afirmações positivas e negativas que seriam ligadas a 25 características da pessoa criativa. Essas características foram classificadas como sendo de natureza cognitiva e afetiva. Segundo o manual (Wechsler, 2006) para o estudo de validade do instrumento foi composta uma amostra com 128 participantes sendo 59 considerados criativos (30 mulheres e 29 homens) e 69 considerados não criativos ou regulares (38 mulheres e 31 homens). Para se classificar o indivíduo como criativo eram consideradas premiações que esta pessoa tivesse recebido a nível local, estadual, nacional ou internacional. Como exemplo de premiações pode-se citar prêmios recebidos pela pessoa que tenham sido reconhecidos como importantes por sua relevância para a sociedade ou por seus pares profissionais. Wechsler (2006) destaca que este critério foi o mesmo utilizado por Torrance (1981) em seus estudos sobre predição da criatividade, com a finalidade de obter um índice externo e válido sobre a produção criativa da pessoa.

A análise fatorial apontou 5 fatores ou estilos denominados como: estilo Cauteloso Reflexivo que é definido como sendo pertencente a pessoas que sejam reflexivas, ou seja, elas tem como estilo o padrão de pensar muito antes de agir avaliando todas as consequências de uma determinada ação (evitam riscos); o estilo Inconformista Transformador é definido por Wechsler (2006c) como estando presente na pessoa do tipo questionadora, que gosta de situações em que tenha que utilizar a imaginação para solucionar problemas; o estilo Lógico Objetivo é notado em pessoas que fazem uso de seu pensamento lógico, que gostam de seguir

regras, sendo bastante persistentes em suas ações; o estilo Emocional Intuitivo caracteriza-se pelo predomínio das emoções e intuições; por fim o estilo Relacional Divergente é notado em pessoas consideradas flexíveis e abertas a novas ideias.

A correlação entre quatro desses estilos com a produção criativa, reconhecida, não reconhecida e total do indivíduo, apresentou resultados significativos: o estilo Cauteloso reflexivo, o estilo inconformista transformador, emocional intuitivo e o estilo relacional divergente. Já para o estilo lógico objetivo apenas ocorreu relação significativa com a produção total. Segundo Wechsler (2006) este fato indica que os outros quatro fatores poderiam, de acordo com a literatura especializada em criatividade, ser considerados como estilos de criar. Já o estilo lógico objetivo seria considerado mais como um estilo de pensar, pois a lógica e a objetividade não seriam bons condutores para o desenvolvimento da criatividade, ou seja, na produção de ideias criativas de acordo com a autora. Portanto os resultados apontaram que os cinco fatores do teste Estilos de pensar e criar estilos possuem validade preditiva. Segundo Wechsler (2006) os resultados quanto à precisão do teste atingiram em seus três primeiros fatores (Cauteloso Reflexivo, Inconformista Transformador e Lógico Objetivo) precisão ($r \geq 0,80$) e para os dois últimos fatores (Emocional Intuitivo e Relacional Divergente) índices menores em torno de ($r 0,50$) ambos considerados aceitáveis.

C) Escala dos Pilares da Resiliência (EPR) Cardoso e Martins (2013).

A Escala Pilares da Resiliência (EPR) é formada por 11 fatores que são verificados em 90 itens. A amostra foi composta por 833 pessoas advindas dos estados de São Paulo, Santa Catarina. Os resultados demonstram que a escala possui validade para a população brasileira em seus 90 itens (Cardoso & Martins, 2013). Quanto à precisão do Instrumento as autoras destacam que ela foi analisada utilizando-se o método do alfa de *Cronbach* para cada um dos onze fatores separadamente. Os resultados destacam que a escala possui em seus itens a precisão desejada de acordo com as normas e critérios exigidos pelo conselho Federal de Psicologia (CFP). Contudo, não foram apresentados dados de validade de critério para a escala até o momento. Vale destacar também que até o presente momento (verificação realizada em janeiro de 2015) a escala não consta da lista do sistema de avaliação dos testes psicológicos (SATEPSI). As onze áreas investigadas na escala são:

1- Autoeficácia: refere-se à crença e percepção do indivíduo sobre suas próprias capacidades.

2- Controle emocional: refere-se à capacidade de controlar as emoções, evitando ter ataques de ira e conduta agressiva.

3- Autoconfiança: refere-se à pessoa que é segura, que acredita que pode se colocar diante de qualquer situação com uma postura forte e eficaz.

4- Orientação positiva para o futuro: refere-se à pessoa que pensa positivamente em relação aos acontecimentos de sua vida, seja no campo profissional, familiar ou pessoal, e que, possui objetivos claros e luta para concretizá-los, por acreditar que irá vencer.

5- Valores positivos: qualidade de se comprometer com valores e de estender o desejo pessoal de bem estar a toda a humanidade, de diferenciar o bem do mal, além do anseio de viver uma vida pessoal satisfatória, ampla e com riqueza interior.

6- Empatia: habilidade de se colocar no “lugar do outro”, perceber o estado emocional (pensamentos e sentimentos) de outra pessoa, sem que ela necessariamente o diga e compreender as razões que a levam a se comportar de determinado modo.

7- Reflexão: capacidade de manter o autodistanciamento diante de um problema para poder refletir sobre a melhor solução com sabedoria, inteligência e crítica.

8- Sociabilidade: habilidade de se relacionar e criar laços de intimidade com outras pessoas, com intuito de equilibrar a própria necessidade de afeto.

9- Aceitação positiva para mudança: refere-se ao reconhecimento de que as mudanças e as situações difíceis podem oferecer oportunidades de crescimento.

10- Independência: capacidade de manter distância emocional e física de outras pessoas, sem cair no isolamento.

11- Bom humor: refere-se à habilidade de usar o bom humor para lidar com os problemas, não para negá-los, mas para possibilitar alívio e uma forma de enxergar a vida de maneira otimista.

Todos os itens da Escala em suas análises obtiveram índices satisfatórios de cargas fatoriais sendo consideradas adequadas para uso de acordo com explicações do manual do teste, as definições para cada um dos fatores foram apresentadas pelas autoras, sendo retiradas de outros pesquisadores, conforme conteúdo do manual (Cardoso & Martins 2013).

D) Questionário de Realizações Criativas.

O questionário de Realizações Criativas possui 10 perguntas abertas que verifica a qualidade da produção criativa. De acordo com Wechsler (2006), esse instrumento foi elaborado por Torrance e Wu (1981) para realizar estudos sobre predição da criatividade e conseguir compará-la a partir de um indicador externo e válido, ou seja, a produção criativa do participante. O questionário também foi utilizado na validação das versões brasileiras do teste de Criatividade Verbal e Figural de Wechsler (2004) e do teste Estilos de Pensar e Criar de Wechsler (2006) com a mesma finalidade já descrita.

As perguntas do questionário englobam áreas como literatura, Poesia, Música, Teatro, Jornalismo, Artes Plásticas, Ciências, Artes Gráficas, Esportes entre outras.

Três categorias foram estabelecidas para efeitos de classificação da produção criativa: 1) Produção não reconhecida, que destaca as realizações criativas da pessoa, porém sem ela nunca haver recebido nenhuma premiação; 2) produção reconhecida, que indica a quantidade de premiações e distinções recebidas pelo indivíduo; reconhecidas pela sociedade como sendo criativas 3) Produção total. Refere-se à pontuação que é conseguida pela somatória dos dois fatores (produção não criativa e produção criativa). A Correção dos resultados dos indivíduos considerados criativos acontece da seguinte maneira: após a classificação das produções dos indivíduos segundo as categorias (reconhecidamente criativas ou não reconhecidas como criativas) dá-se 1 ponto para cada tipo de produção; após esta pontuação para cada item do questionário soma-se todos obtendo os

resultados da produção total que gerará um escore de pontuação possibilitando a classificação do participante da pesquisa como reconhecidamente criativo ou não.

Procedimentos

Primeiramente o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC Campinas. Após a aprovação do referido comitê, os participantes foram convidados a partir das indicações considerando-se os critérios: ter recebido alguma premiação ou distinção em nível local, estadual, nacional ou internacional para que fosse considerada apta como participante. Os contatos, com os participantes, tanto premiados, foram feitos por telefone, e-mail ou pessoalmente.

Após o contato inicial foi solicitado ao grupo de indivíduos com destaque, que indicassem outras 12 pessoas que trabalhassem na mesma área e nas mesmas tarefas, preferencialmente de gênero e idade similares, mas que não tivessem recebido nenhum destaque ou premiação.

Concluída a primeira etapa composta por indicações das pessoas criativas e não criativas e feitos os contatos para se conseguir a autorização da participação, foram marcados encontros de, aproximadamente, 2 horas e 30 minutos com cada participante da amostra, para a aplicação dos instrumentos descritos na seguinte ordem: Ao se contatar as pessoas foram aplicados, inicialmente, o questionário de realizações criativas (com o intuito de verificar as realizações criativas ou não da pessoa indicada); logo em seguida, foi aplicada a Escala dos Pilares da Resiliência, logo após o teste de Estilos de Pensar e Criar, seguido do teste de Criatividade da Bateria de Avaliação da Inteligência e da Criatividade em Adultos (BAICA).

A Administração dos testes foi realizada em um único encontro. Contudo foi oferecida a oportunidade a todos os participantes, se caso necessitassem, a remarcação de outro momento para a finalização da coleta, devido a possíveis impedimentos por parte dos participantes em disponibilizarem a quantidade de horas propostas em um único dia. Após a coleta dos dados, as devidas análises foram feitas buscando-se responder aos objetivos propostos e já descritos anteriormente. Para essas análises foram utilizados os métodos de correlação de Spearman para verificar se os resultados, em relação aos objetivos, foram alcançados ou não, e para se verificar se existiam relações significativas entre as áreas investigadas nos instrumentos. As diferenças entre os grupos de destaque e não destaque foi feita pelo teste de Mann Withney.

RESULTADOS

A seguir passamos a apresentar os resultados obtidos a partir da coleta dos dados junto aos participantes. Inicia-se destacando as médias e desvios padrões do grupo 1 (destaque) e do grupo 2 (não destaque) em relação ao tipo de sua produção, conforme dados da Tabela 6.

Tabela 6- Diferenças dos participantes do grupo 1 e do grupo 2 no tipo de Produção

Tipos de Produção	Grupo	Média dos postos	Soma dos postos	Mann Withney
Produção reconhecida	1	18,50	222,00	0,000
	2	-	-	
Produção não reconhecida	1	13,21	158,50	63,500
	2	11,79	141,50	
Produção Total	1	13,75	165,00	57,000
	2	11,25	135,00	

Essa tabela foi elaborada para responder ao objetivo 1 que buscou verificar se existem diferenças entre os grupos destaque e não destaque na produção criativa reconhecida e total. Nota-se que há uma pequena diferença entre os grupos, sendo que o grupo 1 (destaque) em sua produção não reconhecida e produção total, apresenta resultados melhores. Contudo essas diferenças não são significativas. Em relação à produção reconhecida, não existem diferenças, pois o grupo 2 não possui esse tipo de produção.

Em resposta ao objetivo específico 2 foram elaboradas as Tabelas (7,8,9) que visaram verificar a existência de diferenças significativas entre os grupos destaque (1) e não destaque (2), a resiliência (EPR), os estilos de pensar e criar, e as características criativas (BAICA).

Tabela 7- Diferenças de médias do grupo 1 e 2 na EPR.

Áreas da EPR	Grupo	N	Medias dos postos	Soma de médias dos postos	Mann Withney
Aceitação positiva para mudanças	1	12	15,54	186,50	35,500*
	2	12	9,46	113,50	
Autoconfiança	1	12	13,75	165,00	57,000
	2	12	11,25	135,00	
Autoeficácia	1	12	14,08	169,00	53,000
	2	12	10,92	131,00	
Bom Humor	1	12	13,21	158,50	63,500
	2	12	11,79	141,50	
Controle emocional.	1	12	14,67	176,00	46,000
	2	12	10,33	124,00	
Empatia	1	12	12,50	150,00	72,000
	2	12	12,50	150,00	
Independência	1	12	11,33	136,00	58,000
	2	12	13,67	164,00	
Orientação positiva para o futuro	1	12	13,13	157,50	64,500
	2	12	11,88	142,50	
Reflexão	1	12	13,25	159,00	63,000
	2	12	11,75	141,00	
Sociabilidade	1	12	14,79	177,50	44,500
	2	12	10,21	122,50	
Valores Positivos.	1	12	13,88	166,50	55,500
	2	12	11,13	133,50	

Nota: grupo 1= Pessoas de Destaque; grupo 2 = pessoas de não destaque.

Destaca-se na Tabela 7 que o grupo (1) de destaque na Escala Pilares da Resiliência (EPR) também possui médias maiores em quase todas as subáreas. A área onde foi encontrada diferença significativa foi aceitação

positiva para o futuro. Contudo na subárea independência, embora não tenha sido considerada uma diferença significativa, vale destacar que o grupo 2 (não destaque) supera o grupo 1 (destaque). Adiante apresentamos na Tabela 8 as diferenças de médias dos grupos em relação aos estilos de pensar e criar.

Tabela 8- Diferenças de médias do grupo na Escala Estilos de Pensar e Criar.

Estilos	Grupo	N	Médias de postos	Soma das médias de postos	Mann Withney
Cauteloso	1	12	11,17	134,00	56, 000
Reflexivo	2	12	13,83	166,00	
Inconformista	1	12	14,17	170,00	52, 000
Transformador	2	12	10,83	130,00	
Logico Objetivo	1	12	13,71	164,50	57, 500
	2	12	11,29	135,50	
Emocional	1	12	13,08	157,00	65, 000
Intuitivo	2	12	11,92	143,00	
Relacional	1	12	13,08	157,00	61, 000
Divergente	2	12	11,92	143,00	

Nota: grupo 1= Pessoas de Destaque; grupo 2 = pessoas de não destaque.

Nota-se na Tabela 8 que em relação a existência de diferenças significativas entre os grupos nos estilos de pensar e criar, não foram encontradas diferenças significativas. Passamos a destacar abaixo os dados da Tabela 9 referente às diferenças de médias dos grupos 1 e 2 no teste de Criatividade da BAICA.

Tabela 9 - Diferenças de médias do grupo em Criatividade (BAICA)

Áreas da BAICA	Grupos	N	Medias dos postos	Soma das médias dos postos	Mann Withney
atv 1- Figural Fluência	1	12	12,00	144,00	66, 000
	2	12	13,00	156,00	
atv 1- Figural Elaboração	1	12	11,92	143,00	65, 000
	2	12	13,08	157,00	
atv 1- Figural Originalidade	1	12	15,50	186,00	36, 000*
	2	12	9,50	114,00	
atv 1- Figural Títulos Expressivos	1	12	11,46	137,50	59, 000
	2	12	13,54	162,50	
Ativ. 2 - Verbal Fluência	1	12	15,67	188,00	34, 000*
	2	12	9,33	112,00	
Ativ. 2 - Verbal Elaboração	1	12	12,54	150,50	71, 500
	2	12	12,46	149,50	
Ativ. 2 - Verbal Originalidade	1	12	15,38	184,50	37, 500*
	2	12	9,63	115,50	
Ativ. 3 - Verbal Fluência	1	12	15,63	187,50	34, 500*
	2	12	9,38	112,50	
Ativ. 3 - Verbal Elaboração	1	12	12,54	150,50	71, 500
	2	12	12,46	149,50	
Ativ. 3 - Verbal Originalidade	1	12	15,83	190,00	32, 000*
	2	12	9,17	110,00	

Nota.: atividade 1 figural (contém títulos expressivos), atividade 2 verbal (não contém títulos expressivos), atividade 3 verbal (não contém títulos expressivos).

Destacam-se os seguintes resultados referentes às diferenças dos grupos em relação à Tabela 9. Na atividade 1 Figural do teste de Criatividade verifica-se o seguinte destaque: O grupo 1 (destaque) apresenta diferença significativa apenas na característica criativa figural originalidade. Já na atividade 2 verbal, o grupo 1 (destaque), apresenta diferenças significativas nas áreas fluência e originalidade. Na atividade verbal 3 o grupo 1 (destaque) também apresenta melhores médias nas 3 características investigadas. Utilizado o mesmo método de testagem de significância desta diferença

realizada na atividade 2, as características consideradas como tendo diferenças mais significativas são: a fluência e a originalidade.

Passa-se a discutir o objetivo específico 3 que buscou analisar a existência de relações significativas entre a produção criativa, estilos de pensar; resiliência e características criativas na BAICA. Para essa finalidade foram elaboradas as tabelas (10, 11, 12), que serão apresentadas a seguir.

Tabela 10 – Correlação de Spearman entre Produção Criativa do grupo 1 e 2 com Estilos de Pensar e Criar

Tipos de produção Criativa	Grupo	Cauteloso Reflexivo	Inconformista Transformador	Lógico Objetivo	Emocional Intuitivo	Relacional divergente
Reconhecida	1	0,056	0,552	0,177	0,477	0,353
	2	-	-	-	-	-
Não reconhecida	1	-0,108	-0,021	-0,327	0,016	-0,012
	2	-0,046	0,070	0,039	-0,529	0,207
Total	1	-0,095	0,187	-0,236	0,211	0,167
	2	-0,046	0,070	0,039	-0,529	0,207

$p \leq 0,05^*$, $p \leq 0,01^{**}$.

Observa-se que não houve relação significativa entre a produção criativa, reconhecida, não reconhecida e total, com nenhum dos estilos de pensar e criar. A seguir destacamos os resultados da Tabela 11 que apresenta as respostas conseguidas entre os tipos de produção dos participantes e os fatores da EPR.

Tabela 11- Correlação de Spearman entre a produção criativa dos grupos e a EPR

Tipos de produção Criativa	Grupo	Aceitação Positiva Mudança	Auto Confiança	Auto Eficácia	Bom Humor	Controle Emocional	Empatia	Independência	Orientação Positiva para o futuro	Reflexão	Sociabilidade	Valores Positivos
Reconhecida	1	,372	,277	,367	,842**	,356	,303	-,004	,621**	,205	,171	,545
	2	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
Não Reconhecida	1	,049	-,173	,289	,386	,387	,226	-,265	,104	-,430	-,365	-,160
	2	,318	-,262	-,285	,243	,397	-,156	,486	,201	,392	-,226	,198
Total	1	,091	-,095	,330	,424	,359	,187	-,285	,107	-,400	-,327	-,132
	2	,318	-,262	-,285	,243	,397	-,156	,486	,201	,392	-,226	,198

Nota: 1= Pessoas de destaque; 2 = pessoas de não destaque; $p \leq 0,05^*$, $p \leq 0,01^{**}$.

Os resultados demonstraram a existência de correlação significativamente alta entre a Produção Criativa Reconhecida do grupo 1 (destaque) com as seguintes áreas da EPR: Bom Humor (0,842, $p \leq 0,01$) e Orientação Positiva para o Futuro (0,621, $p \leq 0,01$). Nos outros itens não houve nenhum tipo de correlação entre os grupos em comparação com o instrumento. A seguir, apresentam-se os resultados observados na Tabela 12, conforme dados a seguir.

Tabela 12 – Correlação de Spearman entre produção criativa e características criativas por grupo 1 e 2

Áreas BAICA	Grupo	Produção reconhecida	Produção não reconhecida	Produção Total
Ativ. 1 Figural Fluência	1	0,281	0,439	0,481
	2	-	0,246	0,246
Ativ. 1 Figural Elaboração	1	0,201	0,367	0,471
	2	-	0,635*	0,635*
Ativ. 1 Figural Originalidade	1	- 0,176	0,362	0,383
	2	-	0,728**	0,728**
Ativ. 1 Figural Títulos expressivos	1	0,064	0,336	0,368
	2	-	0,134	0,134
Ativ. 2 Verbal Fluência	1	0,061	0,278	0,307
	2	-	0,393	0,393
Ativ. 2 Verbal Elaboração	1	- 0,397	0,230	0,304
	2	-	0,190	0,190
Ativ. 2 Verbal Originalidade	1	- 0,071	0,286	0,285
	2	-	0,369	0,369
Ativ. 3 Verbal Fluência	1	0,330	0,164	0,214
	2	-	0,162	0,162
Ativ. 3 Verbal Elaboração	1	- 0,117	0,450	0,509
	2	-	0,445	0,445
Ativ. 3 Verbal Originalidade	1	0,375	0,319	0,368
	2	-	0,162	0,162

Nota: 1= Pessoas de destaque; 2 = pessoas de não destaque; $p \leq 0,05^*$, $p \leq 0,01^{**}$. Atividade 1 figural (contém títulos expressivos), atividade 2 verbal (não contém títulos expressivos) e atividade 3 verbal (não contém títulos expressivos).

Os resultados apontam que somente ocorreram correlações significativas entre a produção criativa e a criatividade na BAICA para o grupo 2 (não destaque). As correlações obtidas foram: Elaboração Figural em produção não reconhecida (0,635, $p \leq 0,05$) e com produção total (0,635, $p \leq 0,05$). Foram encontradas correlações muito significativas para este grupo foram: Originalidade Figural com produção não reconhecida (0,728, $p \leq 0,01$) e com produção total (0,728, $p \leq 0,01$). Apresenta-se agora os dados obtidos em resposta ao objetivo específico 4 que buscou investigar se existem diferenças de gênero na produção criativa, reconhecida, não reconhecida e total, bem como nos estilos de pensar e criar, nos itens da resiliência e nas características criativas da BAICA. Para atender a este objetivo foram criadas as Tabelas 13, 14, 15 e 16, sendo apresentadas a seguir.

Tabela 13 - Diferenças de gêneros nos tipos de produção

Tipos de Produção	Gênero	N	Médias dos postos	Soma dos postos	Mann Withney
Produção Reconhecida.	1	16	11,25	180,000	44,000
	2	8	15,00	120,000	
Produção não reconhecida	1	16	12,00	192,000	56,000
	2	8	13,50	108,000	
Produção total	1	16	11,81	189,000	53,000
	2	8	13,88	111,00	

1 Feminino; 2= Masculino.

Nota-se que em termos de diferenças entre a produção e os gêneros não foram encontradas diferenças significativas. Embora as médias do gênero masculino sejam maiores.

A seguir destaca-se a Tabela 14 que apresenta os resultados entre os gêneros e os estilos de pensar e criar.

Tabela 14 – Diferenças de Gêneros na Escala Estilos de Pensar e Criar.

Estilos	Gênero	N	Média dos postos	Soma dos postos	Mann Withney
Cauteloso reflexivo	1	16	19,50	487,50	112.500
	2	8	16,23	178,50	
Inconformista Transformador	1	16	15,44	386,00	61.000*
	2	8	25,45	280,00	
Lógico Objetivo	1	16	15,80	395,00	70.000*
	2	8	24,64	271,00	
Emocional Intuitivo	1	16	19,28	482,00	118.000
	2	8	16,73	184,00	
Relacional Divergente	1	16	16,94	423,50	98.500
	2	8	22,05	242,50	

Nota: 1- feminino; 2- masculino.

Podemos destacar da Tabela 14 que foram encontradas diferenças estatísticas significantes em relação ao gênero masculino nos estilos Inconformista Transformador (25,45) e Lógico objetivo (24,64). Nos demais estilos não ocorreram diferenças significativas entre os gêneros nos itens da escala. Ainda respondendo ao mesmo objetivo (4) apresenta-se a Tabela 15 que destaca os resultados de diferenças significativas entre os gêneros e os itens da EPR.

Tabela 15 – Diferenças de Gênero na Escala Pilares da Resiliência.

EPR	Gênero	N	Média dos postos	Soma dos postos	Mann Withney
Aceitação Positiva para mudanças	1	16	15,86	396,50	71.500*
	2	8	24,50	269,50	
Auto Confiança	1	16	17,96	449,00	124.000
	2	8	19,73	217,00	
Auto Eficácia	1	16	18,64	466,00	134.000
	2	8	18,18	200,00	
Bom Humor	1	16	16,70	417,50	92.500
	2	8	22,59	248,50	
Controle Emocional	1	16	16,66	416,50	91.500
	2	8	22,68	249,50	
Empatia	1	16	19,72	493,00	107,000
	2	8	15,73	173,00	
Independência	1	16	18,14	453,50	125,500
	2	8	19,32	212,50	
Orientação Positiva para o futuro	1	16	16,16	404,00	79,000*
	2	8	23,82	262,00	
Reflexão	1	16	16,96	424,00	99,000
	2	8	22,00	242,00	
Sociabilidade	1	16	19,26	481,50	118,500
	2	8	16,77	184,50	
Valores Positivos	1	16	16,42	410,50	85,500
	2	8	23,23	255,50	

Nota: 1- feminino; 2- masculino.

Foram encontradas diferenças significativas para o gênero masculino (2) nos fatores, da Escala Pilares da Resiliência, em relação as seguintes dimensões: Aceitação positiva para mudanças (24,50), e orientação positiva para o futuro (23,82). Nos demais fatores, não foram encontradas diferenças estatísticas significativas entre os gêneros. Na Tabela 16 destacam-se os resultados encontrados entre os gêneros e as características criativas da BAICA.

Tabela 16 – Diferenças de Gêneros e a Criatividade total Figural, total Verbal, total Geral criativo.

Criatividade total	Gênero	N	Média dos postos	Soma dos postos	Mann Withney
Total figural	1	16	16,60	415,00	90.000
	2	8	22,82	251,00	
Total verbal	1	16	16,88	422,00	97.000
	2	8	22,18	244,00	
Total geral criativo	1	16	16,36	409,00	84.000
	2	8	23,36	257,00	

Nota: Feminino 1. Masculino 2. ($p \leq 0,05^*$).

Destaca-se que quanto às diferenças entre os totais criativos e os gêneros, fazendo uso do método de Mann-Whitney, não foram encontrados resultados estatisticamente significativos entre nenhuma das características criativas e os gêneros.

DISCUSSÃO

O interesse para investigar a relação entre criatividade e resiliência em pessoas de destaque surgiu do fato de notar-se que pessoas consideradas bem sucedidas em suas carreiras profissionais apresentam comportamentos que as diferenciam de seus pares profissionais que ainda não conseguiram alcançar sucesso ou destaque em suas profissões. A partir dessa constatação buscou-se investigar quais seriam as habilidades ou características (comportamentais, cognitivas ou emocionais) utilizadas pelas pessoas que obtiveram destaque em sua área de atuação.

Quando se estudou os motivos desse comportamento, as leituras realizadas conduziram a atenção para conceitos ligados à teoria da Psicologia Positiva. A partir da descoberta do conceito da resiliência, que para os pesquisadores da área da psicologia positiva é muito relevante, procurou-se compreender melhor como esse conceito era utilizado nas diferentes áreas em que estava sendo aplicado.

Partiu-se então para mais leituras, direcionadas a compressão do conceito da resiliência. Conforme se buscava mais dados sobre o assunto e a compreensão sobre o conceito da resiliência tornava-se mais compreensível, uma nova hipótese foi elaborada. As causas do sucesso/destaque de profissionais em suas áreas de atuação deveriam estar associadas à criatividade e aos fatores que compõe a resiliência, gerando conjuntamente as características e habilidades que auxiliariam no destaque das pessoas consideradas, por seus pares e pela sociedade, como sendo bem sucedidas.

Com essa hipótese em mente, definiu-se então como objetivo geral para esse trabalho: investigar relações entre características relacionadas com resiliência e criatividade em pessoas que se destacam em diferentes áreas. Partindo deste objetivo geral, vários outros objetivos específicos foram elaborados, os quais serão detalhados e discutidos no decorrer desse texto. O primeiro deles foi verificar se existiam diferenças entre os grupos de destaque e não destaque em sua produção criativa, não reconhecida e total.

Vale destacar que para se verificar a produção criativa dos participantes utilizou-se o questionário de realizações criativas de Torrance e Wu (1981). Esse instrumento teve por objetivo fornecer um indicador externo da produção criativa da pessoa Wechsler (2006c). De acordo com a autora, esse questionário avalia a criatividade a partir do valor/reconhecimento dado para a pessoa por sua produção, podendo este ser recebido tanto de seus pares profissionais como da sociedade como um todo.

Passa-se, portanto para a discussão dos resultados obtidos quando se buscou a existência de diferenças entre a produção não reconhecida como sendo criativa, e a produção total. Os resultados demonstraram que o grupo 1 embora tenha obtido resultados numericamente mais expressivos que o grupo 2, quando realizada a análise para a verificação de diferenças entre os grupos, pode ser notado que não houve existência de diferenças significativas entre os grupos.

A partir desses resultados, algumas possibilidades para explica-los podem ser discutidas. A primeira possibilidade elaborada está relacionada ao tamanho da amostra. Esta foi considerada pequena, contendo apenas 24

peessoas. Uma segunda possibilidade, para o atual resultado, pode ser dada a partir da literatura sobre criatividade. Nela são encontradas afirmações atestando que todas as pessoas são criativas, sendo esta uma ideia defendida por (Wechsler, 2008; Torrance, 1988). Segundo essa autora um dos diferenciais das pessoas com destaque, estaria ligada ao fato desses indivíduos possuírem habilidades criativas mais desenvolvidas.

Já as pessoas consideradas não reconhecidas em suas produções como sendo criativas, de acordo com a literatura estudada, também apresentariam potencial para a criatividade. Contudo, de acordo com alguns autores, ainda não teriam conseguido o destaque/ reconhecimento, por vezes, por falta de desenvolvimento de seu potencial criativo, ou por falta de oportunidades sociais, culturais e financeiras, como afirma MacGree (1987). Esse autor apresenta alguns fatores que definem um resultado como criativo (ou no caso desse estudo) merecedor de destaque, que seriam: a situação que favoreça a criatividade (contexto), o resultado que forneceria um produto que fosse considerado criativo, como por exemplo, algo que tenha utilidade para o contexto no qual o inventor esteja inserido (produto); o caminho seguido pelo criador de um produto para atingir seus resultados, denominado pelo autor como (processo) e por fim o quarto fator seria as características da própria pessoa, como os traços de sua personalidade, as escolhas feitas para esta realização (pessoa) tornando estas criações em termos absolutos ou não, criativas. Por esta razão existiriam tais resultados, comprovando que a criatividade é um fenômeno multifacetado e complexo Wechsler (2008). Portanto pode-se concluir que a hipótese de que existiriam diferenças no tipo de produção não foi confirmada como esperado.

O objetivo específico 2 foi elaborado para verificar a existência de diferenças entre os grupos (1) destaque e grupo (2) não destaque em relação à resiliência na (EPR); aos estilos de pensar e criar e as características criativas na (BAICA). O resultado que apresentou diferença significativa para o grupo 1 (destaque) em relação aos fatores da EPR foi a aceitação positiva para mudanças. Este fator é definido por Cardoso e Martins (2013) como sendo a capacidade de reconhecer que as mudanças, ou dificuldades podem oferecer oportunidades para o crescimento da pessoa. Pode-se afirmar, portanto que a pessoa que apresenta este tipo de resposta frente às mudanças, poderia ser descrita como sendo alguém que não se importa em correr riscos, e está sempre aberta à novidades., traços definidos como sendo pertencentes às pessoas consideradas criativas (Nakano, Santos, Zavarize, Wechsler e Martins, 2010).

Já em relação aos estilos de pensar e criar nos grupos 1 e 2, os resultados destacam que não ocorreram diferenças significativas entre os grupos. Contudo pode-se destacar que esse dado não confirma o que foi encontrado por Wechsler (2006c, 2009) em seus estudos, pois segundo essa autora existiriam diferenças entre os estilos de pensar e criar nas pessoas consideradas criativas em comparação com as consideradas não criativas.

Partindo dessa afirmação, buscou-se, na literatura especializada, quais as possíveis explicações para que, nesse estudo, o mesmo resultado não fosse encontrado. A principal resposta está relacionada com o tamanho da amostra do presente estudo considerada pequena. Este tamanho da amostra afeta, quando realizada a análise para a verificação de diferenças significativas no resultado final, levando ao não surgimento da resposta esperada, ou seja, o

aparecimento da diferença significativa no grupo criativo/destaque, em relação ao outro grupo do estudo.

Ainda pode ser destacada outra possibilidade de resposta para o não surgimento de diferenças entre o grupo 1 destaque, e as características criativas. Na literatura, defende-se que todas as pessoas são consideradas criativas. Portanto não deveriam ocorrer diferenças nos estilos. Pois se todas as pessoas são criativas, seus estilos deveriam ser semelhantes. Essa forma de pensar limita-se ao campo da especulação, sem encontrar respaldo na literatura sobre o assunto, merecendo mais estudos.

Outra investigação sobre a existência de diferenças significativas em relação aos grupos 1 e 2 respectivamente, foram realizadas nas características criativas da BAICA. Os resultados apontam que em relação às atividades figurais o grupo 1 (destaque) obteve resultado significativo na atividade figural originalidade, permitindo ser afirmado que o referido grupo é mais original que o grupo 2.

Em todas as características criativas as pessoas assim consideradas possuem a habilidade de ter ideias inéditas (Wechsler, 2009; Sternberg, 2005; Torrance, 1988), logo seria de se esperar que tal resultado fosse notado. Nas demais características criativas figurais da atividade 1 a saber: fluência, elaboração e títulos expressivos, o grupo 2 (não destaque) obteve melhores resultados, porém não significativos nas médias dos postos.

Essas respostas indicam que o grupo 2 apresenta tendências para o seu potencial criativo. Conforme pesquisas realizadas por Wechsler (2004c), que confirmam a ideia de Torrance (1981) de que todas as pessoas são criativas,

umas em maior, outras, em menor grau, o que explicaria o porquê de tais resultados nessas áreas para o grupo 2. Já nas outras atividades, verbais (2 e 3) da BAICA, o grupo 1 demonstra diferenças significativas em relação ao grupo 2 nas atividades, fluência e originalidade nas duas atividades respectivamente.

Este resultado indica que o grupo 1 apresenta maior habilidade para ter um grande número de ideias (fluência). Estas características podem ser compreendidas como uma vantagem das pessoas que apresentam tal característica, em relação às que não a apresentam, uma vez que, quando solicitados para terem ideias sobre um tema podem se destacar gerando maior número. Já na característica originalidade, as pessoas que apresentam essa qualidade, se destacam, pois, as suas ideias são sempre inéditas, levando muitas vezes, a resultados inovadores (Wechsler, 1999, 2004, 2009).

As análises realizadas sobre as diferenças na resiliência, nos estilos de pensar e criar e nas características da BAICA revelaram que o grupo 1 pode ser considerado mais criativo e resiliente que o grupo 2. Entretanto tendências para algumas áreas foram observadas ao longo de algumas análises demonstrando que o grupo 2 também apresenta características ligadas a estes campos (resiliência, estilos e criatividade).

A hipótese para o objetivo verificar se existiam diferenças significativas entre os grupos 1 e 2 em estilos de Pensar, resiliência e características criativas, era que existiam diferenças entre as áreas investigadas. Contudo encontrou-se diferenças significativas apenas em dois instrumentos: na EPR, na área aceitação positiva para mudanças para o grupo 1; e na BAICA, na

atividade 1 figural originalidade e nas atividades 2 e 3 verbais, nas características fluência, e originalidade, para o mesmo grupo. Nos demais instrumentos não foram encontradas diferenças significativas para o grupo 1, tampouco para o grupo 2. Esse resultado permite afirmar que a hipótese foi confirmada parcialmente.

O terceiro objetivo específico buscou analisar se existiam relações significativas entre a produção criativa em estilos, resiliência, e criatividade. Os resultados da relação entre a produção criativa e os estilos indicaram que não houve relação significativa em nenhum dos dois grupos estudados. Esse resultado pode ter ocorrido devido ao tamanho de cada grupo. O padrão de resposta encontrado nos dados parece ser confirmado por Wechsler (2006c) quando faz menção ao fato dos estilos serem modos preferenciais de pensar e agir, estando presentes em todas as pessoas independentemente de sua produção.

Em relação à comparação entre o tipo de produção criativa e a resiliência pode ser observado que a produção criativa reconhecida apresentou relações altamente significativas com as áreas bom humor, e orientação positiva para o futuro. O bom humor definido como um fator da resiliência pode ser comparado à característica criativa humor. Essa característica é considerada um elemento importante para que haja fluência das ideias, bem como originalidade (Wechsler, 2009, 2012). Já a orientação positiva para o futuro, ligada ao otimismo e à esperança, são forças pessoais positivas de acordo com (Sheldon & King, 2001; Marujo, Neto, Caetano & Rivero, 2007). Esses fatores buscam enaltecer o saudável, o positivo o que há de melhor no potencial humano (Seligman, 2011).

A terceira comparação entre os tipos de produção criativa dos participantes foi feita com as características criativas da BAICA. Os resultados apontam que ocorreram duas relações significativas sempre pra o grupo 2. A primeira entre a produção não reconhecida e a atividade figural elaboração no grupo 2 (não destaque, e a segunda relação altamente significativa na atividade figural originalidade e a produção não reconhecida, também no grupo 2 (não destaque). Vale salientar que na produção total os mesmos resultados foram conseguidos. Acredita-se que este resultado advenha da tendência do grupo 2 (não destaque) em apresentar resultados que indiquem que o potencial criativo também está presente no grupo considerado não recebedor de destaque/premiação. Outra possibilidade seria a influência de fatores externos, que podem afetar o desenvolvimento de tais características (Wechsler, 2006c, 2009). Ainda destaca-se que, novamente, o tamanho da amostra é fator crucial nos resultados encontrados. Conclui-se, que a terceira hipótese, de que haveria relações significativas entre a produção criativa não reconhecida e total e as características criativas, foi alcançada parcialmente.

O quarto objetivo específico refere-se a investigar se existiam diferenças significativas entre os gêneros na produção criativa, nos estilos, na resiliência e nas características criativas da BAICA. Os resultados entre comparação de diferenças dos gêneros e o seu tipo de produção revelou que não há diferenças significativas entre os gêneros e a produção. Esse resultado confirma a dificuldade em se definir se as diferenças entre os gêneros ocorrem. Em alguns estudos essas diferenças não são encontradas, ao passo que em outros estudos esta diferença está presente, o que segundo autores como Baer e

Kaufman (2008) torna difícil este tipo de comparação. Mendoza (2000) também destaca que tais diferenças não existem de forma significativa.

Em relação às diferenças entre os gêneros, na produção e os estilos de pensar e criar, foram notadas diferenças significativas nos estilos Inconformista Transformador e Lógico Objetivo, em relação ao gênero masculino. No presente estudo, embora tenham sido observadas diferenças entre os gêneros em relação aos estilos, nota-se que, elas se manifestam apenas em dois dos cinco estilos (Inconformista Transformador, Lógico Objetivo) Esse fato pode ter ocorrido pelas questões anteriores já discutidas, como as influências do tamanho da amostra, influência da cultura, da economia, da religiosidade, e da personalidade, de forma combinada ou isoladamente (Baer & Kaufman, 2008, Oliveira e Nakano, 2011; Nakano, Santos, Zavarize, Wechsler & Martins, 2012).

Esse padrão parece, por vezes, estar associado à personalidade, contudo pesquisas confirmam que não seria apenas a personalidade que definiria a preferência por uma determinada maneira de pensar ou agir (Wechsler, 2006b; Isaksen, Wilson & Lauer, 2003), mas outros fatores que agregados ao emocional, e ao cognitivo, formariam este modo preferencial de resposta adotado pela pessoa. Em estudo realizado por Baer e Kaufman (2008) sobre os resultados de pesquisas verificando essas diferenças, demonstrou que metade não apontava diferenças entre os gêneros, e o restante dos resultados se dividem entre presença de diferenças ora para um gênero, ora para outro.

Ainda em relação aos gêneros foram pesquisadas se haviam diferenças em relação à resiliência. Notou-se que o gênero masculino destaca-se nos

fatores aceitação positiva para mudanças e orientação positiva para o futuro. Poderia se afirmar que os homens tendem a ver situações difíceis como oportunidades de crescimento. Já em relação ao seu futuro, acreditam que podem conseguir realizar seus planos e desejos de maneira melhor do que conseguiram no momento presente (Cardoso & Martins, 2013). Contudo, um questionamento é elaborado: esse resultado poderia indicar que, em relação ao estilo de pensar ou criar as mulheres, em comparação aos resultados obtidos nessa amostra, seriam mais conformadas e menos lógicas? Tendendo a aceitar sem questionamentos, ou fazendo uso da emoção, não conseguindo se manter emocional e fisicamente distantes das pessoas ou das situações? Tais hipóteses deverão ser mais estudadas em pesquisas futuras.

Em relação às características criativas da BAICA percebe-se que não ocorreram diferenças significativas entre os gêneros. Esses resultados atestam que os modos como homens e mulheres criam não têm diferenças significativas em relação ao processo de elaboração, planejamento e mesmo execução de suas ideias. Contudo quando essas ideias ou produções são apresentadas para a sociedade, muitas vezes, o destaque ou reconhecimento é conseguido pelas pessoas do gênero masculino. Esse fato, muitas vezes, ocorre influenciado por fatores ambientais, culturais, religiosos, entre outros (Mendoza, 2000).

Portanto pode-se dizer que em relação às diferenças significativas entre os gêneros, quanto aos tipos de produção, os estilos de pensar e criar, os fatores da resiliência e as características da criatividade pode-se afirmar que na maioria deles não foram encontradas diferenças significativas. Contudo algumas diferenças significativas, para o grupo 1, foram encontradas nesse

estudo. Tais resultados estão em conformidade com os resultados da literatura estudada, onde é destacado que ou essas diferenças não existem ou quando aparecem são pequena

LIMITAÇÕES E SUGESTÕES PARA ESTUDOS FUTUROS.

Esse estudo apresentou algumas limitações durante a sua execução. Passaremos a apresentá-los para que pessoas interessadas no tema futuramente possam investigar melhor e de maneira mais detalhada tais limitações.

A primeira das limitações foi o local de coleta da amostra. Nossa amostra concentra-se somente no estado de São Paulo. Seria indicado que pessoas consideradas de destaque e de não destaque fossem investigadas em outros estados brasileiros, para se obter maior variedade de respostas, e se os resultados podem ser mais significativos, confirmando tais diferenças entre as pessoas consideradas criativas e as consideradas não criativas.

Outra limitação é o número de participantes. A literatura também aponta que um número maior de pessoas pode representar um resultado mais significativo. Em nossa amostra tivemos um número reduzido de participantes, sugerimos, portanto um estudo com um número maior de participantes para confirmarem nossos resultados ou refutá-los.

Outro limitador desse estudo foi a quantidade de profissionais por área de atuação. Em nossa amostra tivemos apenas 5 áreas profissionais. Sugerimos um estudo com um número maior de áreas profissionais para se verificar se entre as áreas os resultados encontrados em nosso estudo se confirmam ou não.

Ainda destaca-se a limitação de um número mais equitativo de participantes por gêneros dentro das áreas. Em nossa pesquisa esse número ficou desproporcional. Ainda houve a dificuldade de conseguirmos participantes

de algumas áreas profissionais, o que também de certa maneira, pode ter afetado os resultados das análises entre as amostras dos gêneros. Sugerimos que sejam realizados mais estudos com um número de participantes de ambos os gêneros incluindo-se outras profissões das áreas exatas.

Referências

- Alencar, E.M.L.S, Fleith, D & Bruno-Faria, R. (2010). A medida da criatividade: possibilidades e desafios. In E. M. L. S. Alencar & D. Fleith (Orgs). *Medidas de Criatividade*, pp-11-34. Porto Alegre: Artmed.
- Anastasi, A. (1968). *Psicologia Diferencial*. São Paulo, E.P.U.
- Argyle, M.; Martin, M. & Crossland, J. (1989). Happiness as a function of personality and social encounters. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 23 (3),440-448.
- Aspinwall, L. & Staudinger, U. (2003). *A Psychology of human strengths: Fundamental questions and future directions for a positive Psychology*. Washington, DC: American Psychology Association.
- Baer, J.; Kaufman, J. C. (2008). Gender Differences in Creativity. *Journal of Creative Behavior*. V. 42, (2). 75-105.
- Battista, J., & Almond. R. (1973). The development of meaning in life. *Psychiatry*, 36, 409-427.
- Batista, F. M. M. S. F. & Trovisqueira, A. M. (2009). *O Otimismo à Luz da Psicologia Positiva: revisão bibliográfica*. Documento recuperado em 22/05/2010. Disponível em: www.psicologia.com.pt
- Barros, R. M. A., Martín, J. I. G. & Pinto, J. F. V. C. (2010). Investigação e Prática em psicologia Positiva. *Psicologia Ciência e Profissão*, 30(2), 318-327.
- Blanco, A. & Díaz, D. (2006). Orden social y Salud mental: uma aproximación desde el bienestar social. *Clinica y Salud*, 17 (1), 7-29.
- Boden, M. (1990). *The Creative Mind: Myths and Mechanisms*. 44-49. London: Weidenfeld and Nicholson.
- Bohart, A. & Greening, T. (2001). Humanistic Psychology and Positive Psychology. *American Psychologist*, 1(1), 81-82.
- Buchaman, G.; & Seligman, E. M. P. (2005). *Exploratory Style*. Hillsdale: L. Erlbaum Associates.
- Calvetti, P.Ü.; Muller, M.C. & Nunes, M. L. T. (2007). Psicologia da saúde e Psicologia positiva. *Psicologia Ciência e Profissão*, 27 (4). 706-717.
- Cardoso, G.; & Dubini, P. (2006). Promocion de la salud y resiliencia de adolescentes desde el ámbito escolar, *Psicodebate*, 7, 21-39.

- Cardoso, T.; & Martins, M. do C. F. (2013) *Escala dos Pilares da Resiliência (EPR)*. São Paulo, SP, Vetor.
- Carver, C.; Scheier, M.; Miller, C.; & Fulford, D. (2009). Optimism. In C Snyder & S. Lopez (eds.). *Handbook of Positive Psychology*. pp. 303-311. New York: Oxford University Press.
- Chávez-Eakle, R. A.; Eakle, A. J. & Cruz-Fuentes, C. (2012). The Multiple relations Between Creativity and Personality. *Creativity Research Journal*, 24 (1), 76-82.
- Chávez, R. A. (2004). *Evaluation integral de la personalidad creativa: Fenomenología, clínica y genética*. (Unpublished dissertation) Facultad de Medicina, UNAM, Mexico, DF, Mexico. pp.79 – 95. Recuperado em 12 de setembro de 2011.
- Cheng, Y.; Kin, K. H.; & Hull, M. F. (2010). Comparisons of creative styles and Personality types between American and Taiwanese college students and the relationship between creative potential and personality types. *Psychology of Aesthetics, Creativity and the Arts*, Vol. 4, nº 2, 103-112.
- Compton, W.; (2005). *An Introduction to Positive Psychology*. Belmont: Thompson Wadsworth. pp.56-89.
- Contreras, F. & Esguerra, G. (2006). Positive psychology: A new perspective in psychology. *Diversitas*, 2(2), 311-319.
- Csikszentmihalyi, M. (1998). *Creatividad. El flujo e la Psicología del descubrimiento e la invención*. (J.P.Thosaus trad.). Barcelona, Espanha.
- Csikszentmihalyi, M. (1998b). Society, culture and person: an systems view of creativity. In R. J, Sternberg (org.). *The nature of creativity- contemporary psychological perspectives*. pp. 325-332. Cambridge ,UK: Cambridge University Press.
- Csikszentmihalyi, M. (1999). If we are so rich, why aren't we happy? *American Psychologist*, 54, (10), 821-827.
- Dalgalarrondo, P. (2007). *Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais*. Artmed, Porto Alegre.
- Diener, E., Lucas, R. E., Oishi, S. (2005). Subjective well-being: The Science of happiness and life satisfaction. In: Snyder, C. R., & Lopez, S. J.. *Handbook of Positive Psychology*. Oxford University Press. 187-206.
- Diener, E.; & Seligman, M.E.P. (2004). Beyond money: toward in economy of well-being. *Psychological Science in the Public Interest*, 5, (1), 1-31.

- Eysenck, S. B., Eysenck, H. J., & Barrett, P. (1985). A revised version of the psychoticism scale. *Personality and individual differences*, 6(1), 21-29.
- Ferreira, A.B.H. (2010). Novo dicionário eletrônico Aurélio (5ª ed.). Rio de Janeiro: Positivo.
- Giacomoni, C. (2002). Bem estar subjetivo infantil: conceito de felicidade e construção de instrumentos para avaliação. *Tese (Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento)*. Programa de Pós-graduação em Psicologia do desenvolvimento da Universidade federal do Rio Grande do Sul. Recuperado em 12/09/2011.
- Giacomoni, C. H.; & Hutz, C. S. (2008). Escala multidimensional de satisfação de vida para crianças: estudos de construção e validação. *Estudos de Psicologia*, 25 (1), Campinas, SP. 25-35.
- Gonsalves, S. M. M.; & Leite, A. P. T. T. (2009). Trabalho e Flow: contribuições da Psicologia Positiva. *Diversa*, 2 (3), 41-59.
- Grunspun, H. (2006). *Criando filhos virtuosos: quando e como promover a resiliência*. São Paulo: Atheneu.
- Hayes, J.; & Alisson, C.W. (1994). Cognitive style and its relevance for management practice. *British Journal of Management*, 5, (1), 53-71.
- Hennessey, B. A.; & Amabile, T. M. (2010). Creativity. *Annual Review of Psychology*, 61, 569-598.
- Houassis, A. (2009). *Dicionário Houassis da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Hui, A.N.N., Yueng, D. Y., Sue-Chan, C., Chan, K., Hui, D. C. K., & Cheng, S. T. (2013) Gains and losses in creativity personality as perceived by adults across the life span. *Developmental Psychology*. 1-5. Advance online publication. Doi: 10.1037/a0034168.
- Infante, F. (2005). A resiliência como processo: uma revisão da literature recente. In: A. Melillo, & E.N. S. Ojeda (orgs.), *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. 23-28. Porto Alegre: Artmed.
- Isaksen, S. G.; Lauer, K. J.; & Wilson, G. V., (2003). An examination of the relationship between personality type and cognitive style. *Creativity Research Journal*, 15, 343–354.
- Jung, C. G. (1933). *Modern Man in search of a Soul*. New York, Hartcourt.
- Lewis, C.A., & Joseph, S. (1995). Convergent validity of the Depression-Happiness Scale with measures of happiness and satisfaction with life. *Psychological Reports*, 76, 876-878.

- Kaufman, J. C.; Beghetto, R. A. (2009). Beyond big and little: The four c model of creativity. *Review of General Psychology*, Vol 13(1), 1-12.
- Kim, K. H. (2005). Can only intelligent people be creative? A meta-analysis. *The journal of secondary gifted education*. Vol. XVI, 2/3; 55-66.
- Kirton, M. J. ; & Ciantes, S. M. de (1986). Cognitive style and personality: the Kirton adaption-innovation and catell's sixteen personality factor inventories. *Pearson individual Diff.*. Vol, 7 (2). 141 -146.
- Keyes, C. L. M.; & Haidt, J. (2003). *Flourishing: Positive psychology and the well lived*. Washington DC: American Psychological Association.
- Lazarus, R.S. (2003a). Does the positive psychology movement have legs? *Psychological Inquiry*, 14(2), 93-109.
- Lazarus, R.S. (2003b). The Lazarus manifesto for positive psychology and psychology in general. *Psychological Inquiry*, 14 (2), 173-189.
- Longman Dictionary of Contemporary English. (1995). (3^a ed.). Essex: Longman Group.
- Luthar, S.S.; Cichetti, D. & Becker, B. (2000). The construct of resilience: a critical evaluation and guidelines for future work. *Child Development*, 71 (3), 543-562.
Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1885202/>. Recuperado em: 15/01/2014.
- Lyubomirsky, S; & Lepper, H. S. (1999). A measure of subjective happiness: preliminary reliability and construct validation. *Social Indicators Research*, 46, 137-155.
- Mahoney, M. (2005). Constructivism and Positive Psychology. In: C. Snyder & S. Lopez (eds.), *Handbook of Positive Psychology*. Oxford: Oxford University Press.
- Martinsen, O. L. (2011). The Creative Personality: A synthesis and development of the Creative person Profile. *Creativity Research Journal*, 23 (3), 185-202.
- Marujo, H.A.; Neto, L. M.; Caetano, A.; & Riveiro, C. (2007). Revolução positiva: Psicologia Positiva e Práticas Appreciativas em Contextos Organizacionais. *Comportamento Organizacional e Gestão*, 13(1), 115-136.
- Masten, A.S. (2001). Ordinary magic: resilience process in development. *American Psychologist*, 56 (3), 227-238.
- Masten, A. S., & Reed, M. G. J.(2002). Resilience in development. In: Lopez, S. J. & Snyder, C. R. *Handbook of positive psychology*, Oxford University Press, 74-88.

- Masten, A. S., & Obradović, J. (2006). Competence and resilience in development. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 1094(1), 13-27.
- MCGree, R. R. (1987). Creativity, divergent thinking, and openness to experience. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 1258-1265.
- Mello, R.L.S (2008). O Processo criativo em arte: percepção de artistas visuais. Tese de Doutorado, PUC Campinas. Campinas, São Paulo.
- Mendoza, C. Flores. (2000). Diferenças intelectuais entre homens e mulheres: uma breve revisão da literatura. *Psicólogo inFormação*, 4(4), 25-34.
- Messik, S. (1984). The nature of cognitive style: Problems and promise in educational practice. *Educational Psychologist*, 19, 59-74.
- Milan, Q. G. & Wechsler, S. M. (2014). Análise das evidências de validade da Bateria de Avaliação Intelectual e Criativa- BAICA (no prelo).
- Mouchiroud, C.; & Lubart, T. (2002). Social creativity: A cross-sectional study of 6- to 11-year-old children. *International Journal Behavior Development*, 26 (1), 60-69.
- Mundim, M. C. B., & Wechsler, S. M. (2007). Estilos de pensar e criar em gerentes organizacionais e subordinados. *Boletim de Psicologia*, 57(126), 15-32.
- Nakamura, J.; & Csikszentmihalyi, M. (2005). The Concept of Flow. In C. Snyder & S. Lopez (eds.). *Handbook of Positive Psychology*. pp. 89-105. Oxford: Oxford University Press.
- Nakano, T. C.; Wechsler, S. M.; Campos, C. R. & Milian, Q. G. (no prelo). Intelligence and creativity: relationships and implications to positive psychology.
- Nakano, T. C. (2009). Investigando a criatividade junto a professores: pesquisas brasileiras. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAGEE)*. 13, (1), 45-53.
- Nakano, T. C., Santos, E., Zavarize, S. F., Wechsler, S. M., & Martins, E. (2010). Estilos de pensar e criar em universitários das áreas de humanas e sociais aplicadas: diferenças por gênero e curso. *Psicologia: teoria e prática*, 12(3), 120-134.
- Nakano, T. C., Wechsler, S. M. & Primi, R. (2011). Teste de Criatividade Figural Infantil: Manual técnico. São Paulo: Editora Vetor.
- Nakano, T.C.; & Primi, R. (2012). A Estrutura Fatorial do Teste de Criatividade Figural Infantil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Vol. 28 (3), 275-283.

- Nakano, T. C.; & Wechsler, S. M. (2012). Criatividade: Definições, Modelos e Formas de Avaliação. In: C. S. Hutz (org.) *Avanços em Avaliação Psicológica e Neuropsicológica de Crianças e Adolescentes II*. pp. 327-362. Casa do Psicólogo, São Paulo.
- Nakano, T. C.; & Zaia, P. (2012). Criatividade e Inteligência Emocional em crianças: Um estudo relacional. *PSICO, Porto Alegre, PUCRS, v. 43 (3)*, 388-399.
- Newell, A.; Shaw, J.G. e Simon, H.A. (1963). The process of creative thinking. Em: Gruber, H.E.; Terrell, G. e Wertheimer, M. (Orgs.). *Contemporary Approaches to Creative Thinking*, (pp. 63-119). New York: Atherton.
- Ojeda, E.N.S. (2008). Resiliencia e Subjetividade. In: A. Melillo, & Ojedda, E.N.S.; D. Rodriguez (Orgs.). *Resiliência e subjetividade: los ciclos de la vida*. pp.77-83. Buenos Aires: Paidós.
- Oliveira, J. B. & Lipp, M.E.N. (2009). Resiliência e controle do stress em juízes e servidores públicos. *Boletim da Academia Paulista de Psicologia, 29 (2)*, 287-306.
- Oliveira, M. A.; & Nakano, T.C. (2011). Revisão de pesquisas sobre criatividade e resiliência. *Temas em Psicologia, 19 (2)*, 467-479.
- Passareli, P. M.; & Silva, J. A. (2007). Psicologia Positiva e o estudo do bem-estar subjetivo. *Estudos de Psicologia, 24 (4)*, 513-517.
- Peterson, C.; Meier, S.; & Seligman, E. M. P. (1993). *Learned Helplessness: A Theory of Personal Control*. Oxford: Oxford University Press.
- Peterson, C. (2000). The future of Optimism. *American Psychologist, 55*, 44-55.
- Primi, R., Nakano, T. C., & Wechsler, S. M. (2012). Cross-battery factor analysis of the Battery of Reasoning Abilities (BPR-5) and Woodcock-Johnson Tests of Cognitive Ability (WJ-III). *Temas em Psicologia (Ribeirão Preto), 20*, 121-132.
- Resende, A. C.; & Argimom, I. I. de Lima (2011). Esquizofrenia e criatividade artística. *Estudos e Pesquisa em Psicologia, 11 (3)*, 56-69.
- Reppold, C. T.; Mayer, J. C.; Almeida, L. S. & Hutz, C. S. (2012). Avaliação da Resiliência: Controvérsia em torno do Uso das Escalas. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 25(2)*, 248-255.
- Ribeiro, P.M. & Gualda, D.M.R. (2011). Gestação na adolescência: a constru o do processo Saúde-Resiliência. *Escola Anna Nery, 15 (2)*, 361-371.
- Rosenberg, M. (1986). *Conceiving the self*. Melbourne, FL : Academic Press.

- Rozemberg, L., Avanci, J., Schenker, M., & Pires, T. (2014). Resiliência, gênero e família na adolescência. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, 19(3), 673-684.
- Runco, A. M. (2007). *Creativity, theories and themes: research, development, and practice*. San Diego: Elsevier.
- Rutter, M. (1985). Resilience in the face of adversity: protective factors and resistance psychiatric disorder. *British Journal of Psychiatry*, 147, 598-611.
- Scheier, M. F., & Carver, C. S. (1992). Effects of optimism on psychological and physical well-being: Theoretical overview and empirical update. *Cognitive Therapy and Research*, 16, 201-228.
- Schneider, K. (2011). Toward a humanistic positive psychology: Why can't we just get along. *Existential Analysis*, 22(2), 32-38.
- Schultz, D. P.; & Schultz, S. E. (2009) *História da Psicologia Moderna*. Cengage Learning, São Paulo.
- Scorsolini-Comin, F.; & Santos, M. A. (2009). Psicologia Positiva e os Instrumentos de Avaliação no Contexto Brasileiro. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 23 (3), 440-448.
- Selby, E. C., Treffinger, D. J.; Isaksen, S. G.; & Lauer, K. J. (2004). Defining and assessing problem-solving style: design and development of a new tool. *Journal of Creative Behavior*, 38, 221-243.
- Segabinazi, J.D., Zortea, M., Zanon, C., Bandeira, D. R., Giacomoni, C. H., & Hutz, C. S. (2012). Escala de afetos positivos e negativos para adolescentes: adaptação, normatização e evidências de validade. *Avaliação Psicológica*, 11(1), pp.1-12. Disponível em : http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712012000100002&lng=pt&tlng=pt.
- Seligman, M. E. P.; & Csikszentmihalyi, M. (2000). Positive Psychology: An Introduction. *American Psychologist*, (55), 5-14.
- Seligman, M. E. P. (2004). *Felicidade Autêntica: Usando a nova Psicologia Positiva para a realização permanente*. Rio de Janeiro; Objetiva.
- Seligman, M. E. P.; Steen, T.A.; Park, N. & Peterson, C. (2005). Positive Psychology progress: empirical validation of interventions. *American Psychologist*, 60 (5), 410-421.
- Seligman, M. E. P. (2011). *Florescer uma nova compreensão sobre a natureza da felicidade e do bem estar*. Rio de Janeiro, Objetiva.
- Sheldon, K. M.; & King, L. (2001). Why positive psychology is necessary. *American Psychologist*, (56), 216-217.

- Smith, G. J. W. (2008). The Creative Personality in Search of a Theory. *Creativity Research Journal*, 20 (4), 383-390.
- Snyder, C.; & Lopez, S. (2005). *Handbook of Positive Psychology*. New York. Oxford University Press.
- Souza, M. T. S. & Cervený, C. M. O. (2006). Resiliência Psicológica: revisão de literatura e análise da produção científica. *Interamerican Journal of Psychology*, 40, (1), 115-122.
- Souza, A. A. F. D., & Wechsler, S. M. (2013). Inteligência e Criatividade na maturidade e velhice. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(4), 643-653.
- Sternberg, R. J. (1997). *Thinking styles*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Sternberg, R. J. (2005). Creativity or creativities. *International Journal of Human-Computer Studies*, 63, 370-382.
- Sternberg, R. J.; & Lubart, T. I. (1999). The Concept of Creativity: Prospects and Paradigms. In: Sternberg, R.J. (Ed.). *Handbook of Creativity*. 7-19. Cambridge University Press.
- Terman, L. M. (1939). The gifted student and his academic environment. *School and Society*, 49, 65- 73.
- Torrance, E. P. (1988). The nature of creativity as manifest in its testing. In R. J. Sternberg (Ed.), *The nature of creativity: Contemporary Psychological perspectives*. pp. 43-75. Cambridge, NY: Cambridge University.
- Úrsua, P., M. (2006). Psicología Positiva: uma moda polémica. *Clinica y Salud*, 17 (3), 319-338.
- Watson, D.; & Clark, L. A. (1988). Development and Validation of brief measures of positive and negative affect: The PANAS scale. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54, 1063-1070.
- Wechsler, S. M. (1999). Avaliação da criatividade: Um enfoque multidimensional. Em S. M. Wechsler & R. S. L. Guzzo (Orgs.), *Avaliação Psicológica: Perspectiva internacional*. pp. 231-259. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Wechsler, S. M. (2002) Avaliação de Criatividade por Figuras e Palavras: testes de Torrance, Versão Brasileira. (manual do teste). LAMP, PUC-Campinas, Imprensa Digital do Brasil Gráfica e Editora, Campinas, São Paulo.
- Wechsler, S. M. (2004). *Avaliação da Criatividade por Palavras teste de Torrance versão brasileira (manual)*. LAMP/PUC Campinas, Imprensa Digital do Brasil. Campinas, São Paulo.

- Wechsler, S. M. (2004a). Avaliação da criatividade verbal no contexto brasileiro. *Avaliação Psicológica*, 3, (1), 21-31. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712004000100003&lng=pt&tlng=pt. Recuperado em 25/11/2012.
- Wechsler, S. M. (2004b). *Avaliação da Criatividade por Figuras. Teste de Torrance. Versão Brasileira*. (manual) 2ª edição, revisada e ampliada. Impressão Digital do Brasil, Campinas, São Paulo.
- Wechsler, S. M. (2004c). *Avaliação da Criatividade por Palavras. Teste de Torrance. Versão Brasileira*. (manual) 2ª edição, revisada e ampliada. Impressão Digital do Brasil, Campinas, São Paulo.
- Wechsler, S. M. (2006b). Estilos de pensar e criar: impacto nas áreas educacional e profissional. *Revista Psicod debate: Psicologia, Cultura y Sociedad*, v. 7, 207-218.
- Wechsler, S. M. (2006c). *Estilos de Pensar e Criar (manual)*. LAMP/PUC-Campinas, Campinas, São Paulo.
- Wechsler, S. M. (2006). Validity of the Torrance tests of Creative Thinking to the Brazilian Culture. *Creativity Research Journal*, 18 (1). 15-25.
- Wechsler, S. M. (2008). *Criatividade: descobrindo e encorajando*. São Paulo: Psy.
- Wechsler, S. M. (2013). Criatividade e inovação no contexto brasileiro. *ANAIS-TRABALHOS COMPLETOS*, 29.
- Wechsler, S. M.; Vendramini, C. M. M.; Schelini, P. W.; Lourençoni, M. A.; Ferreira, A. & Mundim, M. C. B. Structural model of adults cognitive abilities: influence on careers choice. (no prelo).
- Wechsler, S. M., Vendramini, C. M. M. & Oakland, T. (2012). Thinking and creative styles: a validity study. *Creativity Research Journal*, 24 (2, 3), 235-242.
- Wechsler, S. M. (2013). Avaliação do Potencial Intelectual e Criativo. Estudo em andamento, FAPESP, N° 06048-6.
- Yunes, M. A.; & Szimansky, H. (2001). Resiliência: noção, conceitos afins e Considerações críticas. In: *Resiliência e educação*. pp. 13-42. J. Tavares (Org.) São Paulo: Cortez.
- Zhang, L. F.; & Sternberg, R. J. (2009). *Perspective on the mature of intellectual styles*. New York, N.Y: Springer.
- Zanon, C., Bastianello, M. R., Pacico, J. C., & Hutz, C. S. (2013). Desenvolvimento e validação de uma escala de afetos positivos e negativos. *Psico-USF*, 18(2), 193-201.

ANEXOS

Anexo 1- Modelo do caderno de respostas do teste Estilos de Pensar e Criar.

	DT	D	DP	CP	C	CT
1- Resolvo meus problemas com a primeira idéia que tenho.						
2- Gosto de idéias novas.						
3- Gosto de trabalhar seguindo instruções.						
4- Tomo decisões baseadas nos meus sentimentos.						
5- Gosto de textos que utilizam linguagem poética.						
6- Não sou uma pessoa ativa.						
7- Prefiro sonhar a planejar.						
8- Tenho muito cuidado antes de expressar minhas opiniões.						
9- Amo todas as pessoas ao meu redor.						
10- Eu me desligo do mundo quando quero testar uma nova idéia.						
11- Respeito o direito do outro ao tomar decisões.						
12- Tenho preguiça de procurar coisas novas para fazer.						
13- Sou uma pessoa questionadora e gosto de dar sugestões						
14- Prefiro utilizar regras e métodos para fazer meu trabalho.						
15- Adoro fazer alguma coisa só para ver o que vai acontecer.						
16- Minhas idéias são dirigidas a objetivos de longo prazo.						
17- Tenho dificuldades em combinar idéias para torná-las engraçadas.						
18- Sou uma pessoa aberta a novas idéias.						
19- Discutir com alguém nunca me ocorreu.						
20- Prefiro decidir seguindo o pensamento lógico.						
21- Fico totalmente concentrado (a) quando descubro uma nova idéia.						
22- Para tomar uma decisão, gosto de obter muitas informações.						
23- Não consigo organizar grupos.						
24- Não tenho medo de situações novas.						
25- Sou uma pessoa objetiva.						
26- Sou uma pessoa curiosa.						
27- Quando quero comunicar uma idéia, utilizo comparações e analogias.						
28- Posso todas as qualidades de um ser humano.						
29- Encontro motivação em tudo o que faço.						
30- Demoro em agir porque fico refletindo.						
31- Tomo decisões de maneira intuitiva.						
32- Trato os outros como gostaria de ser tratado (a).						
33- Não consigo convencer as pessoas sobre minhas idéias.						

Legenda

DT – Discordo Totalmente

D- Discordo

DP- Discordo Parcialmente

CP- Concordo Parcialmente

C – Concordo

CT – Concordo Totalmente

Anexo 2 – Modelo do Caderno de resposta do teste de Criatividade BAICA versão adulto

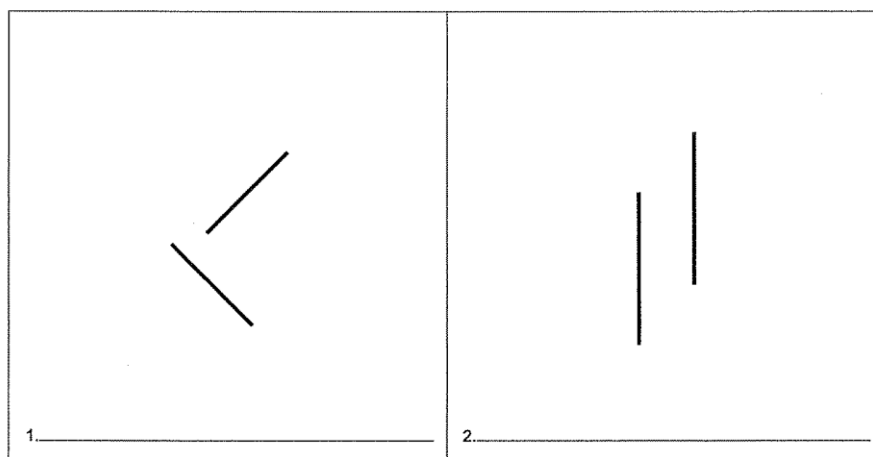
INSTRUÇÕES GERAIS

Neste caderno você vai encontrar atividades que vão lhe dar a oportunidade de usar a imaginação e a criatividade, expressando-as em forma de desenhos ou palavras. Tente pensar em muitas idéias, em coisas diferentes, em coisas nas quais ninguém mais pensaria.

Não existem respostas certas ou erradas. Procure ter o mais número de idéias possíveis. Você terá tempo marcado, portanto, faça bom uso do seu tempo. Vá juntando novas idéias a sua primeira idéia para que possa compor uma imagem mais clara do que você está imaginando. Solte a sua imaginação. Não tenha medo de sonhar e adivinhar.

Atividade 1 COMPLETANDO LINHAS

Se você juntar mais linhas àquelas já existentes nesta e na outra página, você poderá fazer desenhos bem interessantes. Tente imaginar alguma figura ou objeto no qual ninguém mais pensaria. Tente fazer com que os seus desenhos expressem idéias completas e interessantes, adicionando novas idéias a sua primeira idéia. Invente um título bem interessante para cada um dos desenhos e escreva-o abaixo de cada desenho.



Anexo 3 - Questionário de Análise de Realizações Criativas

ANÁLISE DE PRODUÇÃO CRIATIVA

(Wechsler, 2004)

Iniciais: _____ Sexo: _____ Idade: _____

Estado civil: _____ Nº de filhos: _____

Nível de escolaridade: _____

Profissão: _____ Local de trabalho: _____

- 1) Você alguma vez escreveu um poema? _____ Quantos? _____
Publicou-o? _____

- 2) Você, alguma vez desenhou um cenário para uma peça de teatro? _____
Quantos? _____ Recebeu alguma distinção? _____

- 3) Você já escreveu peça de teatro? _____ Quantas? _____
A peça foi representada? _____

- 4) Você já pintou algum quadro ou já fez alguma escultura? _____
Quantas? _____ Já foi exposto em local público reconhecido? _____

- 5) Você já compôs alguma música? _____ Quantas? _____
A música já foi gravada por alguma gravadora? _____

- 6) Você já escreveu um livro? _____ Quantos? _____ Publicou? _____
Que tipo de livro? _____ Recebeu alguma distinção? _____

- 7) Você já escreveu algum artigo sobre sua área de especialidade que foi
publicada? _____ Quantos? _____ Recebeu alguma distinção para
isso? _____

- 8) Você já formulou alguma teoria ou fez descoberta científica? _____
Quantas? _____ Recebeu alguma distinção? _____

- 9) Você já se destacou em algum esporte? _____ Quantos? _____
Recebeu alguma distinção? _____

- 10) Em que área você tem tido destaque? Que tipo de reconhecimento recebeu?

Anexo 4 - Termo de Consentimento para Participação em Pesquisa

Prezado Participante,

Estamos realizando uma pesquisa com o objetivo de investigar se existe relação entre Resiliência e Criatividade em Pessoas de Destaque e que não possuem destaque. Gostaria de convidá-lo (a) a participar desta pesquisa. Esta proposta faz parte dos requisitos do programa de pós-graduação da PUC Campinas para a obtenção do título de Doutor em Psicologia. Os instrumentos que serão utilizados pelo entrevistador são elaborados para que se realizem atividades usando palavras, desenhos e respondendo a questionários que investigarão os objetivos propostos para o trabalho. Estes instrumentos serão aplicados individualmente, preferencialmente em um único encontro, com duração prevista para aproximadamente 2 horas e 30 minutos. Destacamos que sua participação é voluntária, podendo ser retirada a qualquer momento sem nenhum prejuízo para você. Asseguramos ainda que seus dados pessoais e profissionais estarão disponíveis apenas para os avaliadores e pesquisadores do programa, guardando o devido sigilo sobre eles, apresentando apenas o que for relevante para efeitos de publicação. Os Procedimentos a serem realizados não serão invasivos, contudo poderão trazer riscos psicológicos mínimos, como qualquer nível de tensão ou ansiedade ao se responder a um teste. Caso algum desconforto emocional aconteça o pesquisador prestará suporte a você imediatamente após o participante relatá-lo. Ainda destacamos que não haverá nenhum ônus financeiro durante todo o processo da pesquisa. Informamos que este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da PUC-Campinas, o qual poderá ser consultado em relação aos seus aspectos éticos. Se concordar com sua participação nesta pesquisa, assine, por favor, a ficha e guarde outra cópia para o seu arquivo.

Eliezer Fernandes Gums
Doutorando PUC Campinas.
Telefones de contato: (11) 21286000 / (19)991225558
Email: eliezer.gums@unasp.edu.br

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas, telefone (19) 3343-6777, e-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br, endereço Rod. Dom Pedro I, km 136, Parque das Universidades, Campinas-SP, CEP: 13086-900, horário de funcionamento de segunda a sexta-feira das 08h00 as 17h00

Eu.....abaixo assinado,
declaro estar ciente da pesquisa realizada e concordo em participar para a
realização da mesma.

Assinatura:.....

Data:.....

Anexo 5 - Modelo de Caderno de respostas da Escala dos Pilares da Resiliência. (Cardoso & Martins, 2013).

1 - Discordo Totalmente	2 - Discordo	3 - Neutro	4 - Concordo	5 - Concordo Totalmente
1	Acredito que o futuro reserve coisas boas para mim.	(1) (2) (3) (4) (5)		
2	Fico abatido(a) quando alguém faz críticas em relação a mim.	(1) (2) (3) (4) (5)		
3	Gosto de conversar com outras pessoas.	(1) (2) (3) (4) (5)		
4	Após uma entrevista de emprego, procuro pensar que serei aprovado(a).	(1) (2) (3) (4) (5)		
5	Gosto de me relacionar com as pessoas.	(1) (2) (3) (4) (5)		
6	Consigo me desligar das coisas a minha volta para buscar tranquilidade.	(1) (2) (3) (4) (5)		
7	Penso antes de tomar uma decisão.	(1) (2) (3) (4) (5)		
8	Quando estou com algum problema, prefiro esperar que outras pessoas o resolvam por mim.	(1) (2) (3) (4) (5)		
9	Sei quais passos seguir para que meus planos deem certo.	(1) (2) (3) (4) (5)		
10	Perco a esperança diante de um problema.	(1) (2) (3) (4) (5)		
11	Desisto de cumprir uma tarefa quando ela se torna difícil.	(1) (2) (3) (4) (5)		
12	Diante de um problema, paro e penso no melhor a fazer.	(1) (2) (3) (4) (5)		
13	Problemas familiares tiram minha concentração.	(1) (2) (3) (4) (5)		
14	Em situações difíceis, mantenho o bom humor.	(1) (2) (3) (4) (5)		
15	Costumo trazer soluções inovadoras para os problemas.	(1) (2) (3) (4) (5)		
16	Se meus recursos financeiros estão acabando, consigo usar a criatividade para me manter.	(1) (2) (3) (4) (5)		
17	Acredito que dias melhores virão.	(1) (2) (3) (4) (5)		
18	Poderei me adaptar se um dia uma doença grave me deixar sequelas.	(1) (2) (3) (4) (5)		
19	Perco a paciência com facilidade.	(1) (2) (3) (4) (5)		
20	Meu tom de voz fica igual mesmo durante uma discussão.	(1) (2) (3) (4) (5)		
21	Diante de uma crise consigo manter a calma.	(1) (2) (3) (4) (5)		
22	Mesmo quando falta um recurso básico para fazer uma atividade, invento alternativas.	(1) (2) (3) (4) (5)		
23	Tenho crises de raiva.	(1) (2) (3) (4) (5)		
24	Com disciplina financeira poderei comprar uma casa no futuro.	(1) (2) (3) (4) (5)		
25	Evito assumir responsabilidades por acreditar não ser capaz de cumpri-las.	(1) (2) (3) (4) (5)		
26	Coloco-me no "lugar do outro" para compreender as razões que o levam a agir de determinado modo.	(1) (2) (3) (4) (5)		
27	Percebo o estado emocional (pensamentos e sentimentos) de outra pessoa somente observando-a.	(1) (2) (3) (4) (5)		
28	Encontro formas de resolver meus problemas.	(1) (2) (3) (4) (5)		
29	Caso eu tenha que me mudar para outro Estado sei que poderei me adaptar.	(1) (2) (3) (4) (5)		
30	Exponho minhas ideias até mesmo para pessoas que considero mais competentes do que eu.	(1) (2) (3) (4) (5)		
31	Em uma discussão, faço uma piada para descontrair e melhorar o clima.	(1) (2) (3) (4) (5)		
32	Sou capaz de solucionar problemas.	(1) (2) (3) (4) (5)		
33	Posso superar a perda de um emprego.	(1) (2) (3) (4) (5)		
34	Consigo fazer uma análise de meus atos e suas consequências.	(1) (2) (3) (4) (5)		
35	Penso que sou incompetente.	(1) (2) (3) (4) (5)		
36	Eu poderia morar sozinho(a) sem problema algum.	(1) (2) (3) (4) (5)		
37	Acredito que "se eu quero eu consigo".	(1) (2) (3) (4) (5)		
38	Poderei me adaptar se um dia eu tiver que me mudar para uma casa menor.	(1) (2) (3) (4) (5)		
39	Sou capaz de compreender as razões que levam alguém a se comportar de determinado modo.	(1) (2) (3) (4) (5)		
40	Sou uma pessoa bem-intencionada.	(1) (2) (3) (4) (5)		
41	Consigo assumir o controle de novos desafios.	(1) (2) (3) (4) (5)		
42	Procuro estender às pessoas do meu convívio meus princípios.	(1) (2) (3) (4) (5)		
43	Sou criativo.	(1) (2) (3) (4) (5)		
44	Nem sempre uma coisa que deu errado hoje dará errado amanhã.	(1) (2) (3) (4) (5)		
45	Admiro um trabalho feito com honestidade.	(1) (2) (3) (4) (5)		

Anexo – 6 Parecer do Comitê de Ética da PUC Campinas



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Resiliência e Criatividade em pessoas de destaque

Pesquisador: Eliezer Fernandes Gums

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 31707414.5.0000.5481

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC/ CAMPINAS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 767.345

Data da Relatoria: 27/08/2014

Apresentação do Projeto:

Estudo que visa investigar a presença ou não de traços de Criatividade e estados de Resiliência em pessoas reconhecidamente de destaque ao nível local, municipal, estadual, nacional ou internacional de áreas profissionais diversas. Para esta finalidade serão aplicados instrumentos que investigam as características criativas e de resiliência nos participantes da pesquisa. A amostra será composta por 40 pessoas de ambos os sexos, todos profissionais em diversas áreas de atuação, sendo 20 com premiações e 20 sem premiações, porém que atuem nas mesmas profissões que os premiados.

Objetivo da Pesquisa:

Investigar relações entre características relacionadas com resiliência e criatividade em pessoas que se destacam em diferentes áreas

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os Procedimentos a serem realizados não serão invasivos, contudo poderão trazer riscos psicológicos mínimos, como qualquer nível de tensão ou ansiedade ao se responder a um teste. Caso algum desconforto emocional aconteça o pesquisador prestará suporte imediatamente após o participante relatá-lo.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Não há comentários

Endereço: Rodovia Dom Pedro I, Km 136	
Bairro: Parque das Universidades	CEP: 13.086-900
UF: SP	Município: CAMPINAS
Telefone: (19)3343-6777	Fax: (19)3343-6777
	E-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br



Continuação do Parecer: 767.345

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A nova redação do TCLE incorpora as solicitações de alterações emitidas em parecer anterior.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A nova redação do cronograma incorpora as solicitações de alterações emitidas no último parecer

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Dessa forma, e considerando a Resolução no. 466/12, e, ainda que a documentação apresentada atende ao solicitado, emitiu-se o parecer para o presente projeto: Aprovado.

Conforme a Resolução 466/12, é atribuição do CEP "acompanhar o desenvolvimento dos projetos, por meio de relatórios semestrais dos pesquisadores e de outras estratégias de monitoramento, de acordo com o risco inerente à pesquisa". Por isso o/a pesquisador/a responsável deverá encaminhar para o CEP PUC-Campinas os Relatórios Parciais a cada seis meses e o Relatório Final de seu projeto, até 30 dias após o seu término.

CAMPINAS, 27 de Agosto de 2014

Assinado por:
David Bianchini
(Coordenador)

Endereço: Rodovia Dom Pedro I, Km 136
Bairro: Parque das Universidades **CEP:** 13.086-900
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3343-6777 **Fax:** (19)3343-6777 **E-mail:** comitedeetica@puc-campinas.edu.br

Anexo – 7 Banca Examinadora

**RESILIÊNCIA E CRIATIVIDADE EM PESSOAS DE
DESTAQUE E DE NÃO DESTAQUE: UM ESTUDO
COMPARATIVO**

BANCA EXAMINADORA

Presidente Profa. Dra. Solange Múglia Wechsler

Profa. Dra. Berenice Victor Carneiro

Profa. Dra. Luciana Gurgel Guida Siqueira

Profa. Dra. Ana Paula Porto Noronha

Profa. Dra. Flávia Helena Zanetti Farah

**PUC-CAMPINAS
2015**